

A MACA

DIRECTOR CONSELHEIRO XX



Rio de Janeiro,
18 de Julho de 1925

Anno IV - Nº 180

- QUAL! NA ONDA NINGUEM ME LEVA!
FOSSE ADÃO «ALMOFADINHA»,

E TERIAS TÚ, MÃE EVA,
COMIDO A MACÃ SÓ SINHA!...

EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietarios: H. de Campos & Cia.

Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar

Administração: Rua da Quitanda, 59

Officinas: Avenida Mem de Sa, 236-240 — Rio de Janeiro — Brasil

Aos nossos agentes de venda avulsa, do interior, que se encontram em atraso de pagamento, solicitamos a remessa das importancias correspondentes aos seus debitos, em vale postal, com a maxima brevidade.

Dentre esses pedimos resposta, ás nossas reiteradas cartas, aos seguintes:

Alfredo Fernandes	— Antonio Carlos	—	Minas
Candido Mosqueira	— Pomba	—	.
Domingos Orfanó	— Alfenas	—	.
Francisco Gonthier	— Dôres do Indayá	—	.
Joaquim Louro	— Mar de Hespanha	—	.
José Fausto Dias	— Ponte Nova	—	.
Raymundo Dias	—	—	.
Modesto Vieira	— Jequitinhonha	—	.
Antonio Gentile	— Soledade	—	.
	— Caxambu	—	.
Nestor Lopes Coelho	— S. Sebastião do Paraizo	—	.
Sizenando Itabaiana	— Januaria	—	.
Armando Santos	— Viçosa	—	.
Luiz Fontana	— Ouro Preto	—	.
Agenor Pereira da Cunha	— Itajubá	—	.
Brito & Santos	— Patrocínio	—	.
Nicanor Figueiredo	— Pirapora	—	.
Mario Salgueiro Vianna	— S. L. Carangola	—	.
Alfredo Barbosa da Silva	— Sete Lagoas	—	.
Olhon Dias	— Machado	—	.
Abraham Bichana	— Leopoldina	—	.
Carlos Alves	— Januaria	—	.
Joaquim Pedro Barbosa Junior	— Patrocínio	—	.
C. Oliveira Azevedo	— Oiveira	—	.
S. Rezende	—	—	.
M. Franco	— Itauna	—	.
A. Salles	— Caratinga	—	.

Assignatura e venda avulsa

Estados:		Capital:	
Anno.....	25\$000	Numero avulso.....	\$500
Anno (sob registro).....	50\$000	Atrasado.....	\$600
Numero avulso.....	\$600	Idem, sob registro mais..	\$600

Para o Exterior

Porte simples:		Registrado:	
Anno.....	50\$000	Anno.....	60\$000
Semestre.....	30\$000	Semestre.....	35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couchê		Em papel assefinado	
1 pagina.....	250\$000	1 pagina.....	200\$000
1/2 ".....	130\$000	1/2 ".....	110\$000
1/4 ".....	70\$000	1/4 ".....	60\$000
Capa anterior - (cores).....	450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000	
Contra capa, 1a. e 2.a a.....	350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7	

Toda correspondencia deve ser dirigida a João de Abreu

SILVA PINTO E A SARAH

Ha annos, bastantes, era eu redactor gerente do «Popular». Da redacção fazia parte Silva Pinto, Manuel d'Oliveira Ramos e o então coronel Marianno Presado. Este era um espirito muito alegre e não perdia ensejo de amenisar a nossa tarefa.

Na noite em que se recebeu a noticia dos assassinatos do rei Pedro e da rainha Draga da Servia, não se falou n'outra coisa. Manuel Ramos, que tinha a seu cargo a politica internacional, tratava á pressa do caso para não perder a opera em S. Carlos, e Silva Pinto redigia a sua secção «Alma Humana». Presado, que acabara de ler um jornal da noite, pol-o de parte, tirou a luneta e exclamou:

— Bem, não fallemos mais de coisas tristes. Quem morreu, morreu. Acabou-se.

E virando-se para Silva Pinto:

— O Silva Pinto, você ainda está apaixonado pela Sarah Bernhardt?

— Isso sim! E se você soubesse como e porque acabou isso...

— Então que foi?

— Conta, Pinta Silgo!

— Uma tragedia... A Sarah, na vespera da partida, disse-me: «Venha você d'ahi commigo.» Perdi a cabeça e fui para casa ardendo em febre. A minha resolução estava tomada: iria, seguiria a maior de todas. A' governante, que veio alumiá á escada, ordenei seccamente: «Prepare-me uma mala. Parto amanhã!» A velha seresma sahio resmungando e atirando com a porta. E eu sentei-me a um canto, prelibando a delicia da intimidade da Sarah a grande viagem, com as mãos d'ella entre as minhas e os olhos dizendo mais que as palavras... N'isto abre-se a porta e a furia grita: «O senhor, se vae atraz d'essa mulher, lembre-se da miseria em que está a sua roupa branca!»

CAMARA LIMA

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— Sim, minha senhora, é frequente, na gravidez, aggravar-se esse corrimento, que se chama leucorrhéa e do qual soffrem muitas moças e meninas porque abusam da saude e não se queixam ou não usam o remedio apropriado.

— O unico effcaz e inoffensivo é o BLENOL.

— E' urgente começar a tomal-o para evitar soffrimentos ao nasciturno e á mãe no acto da «de-livrance».

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44

AS DOENÇAS PROVENIENTES DA

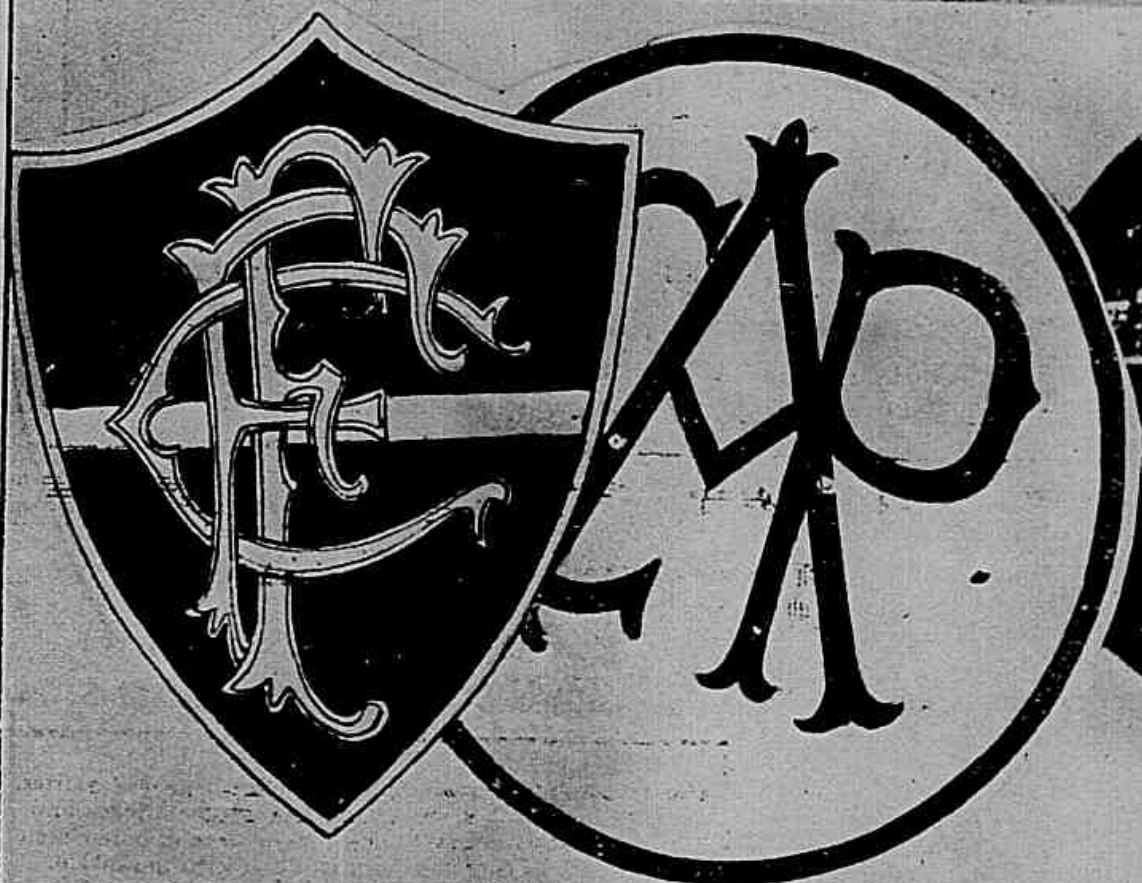
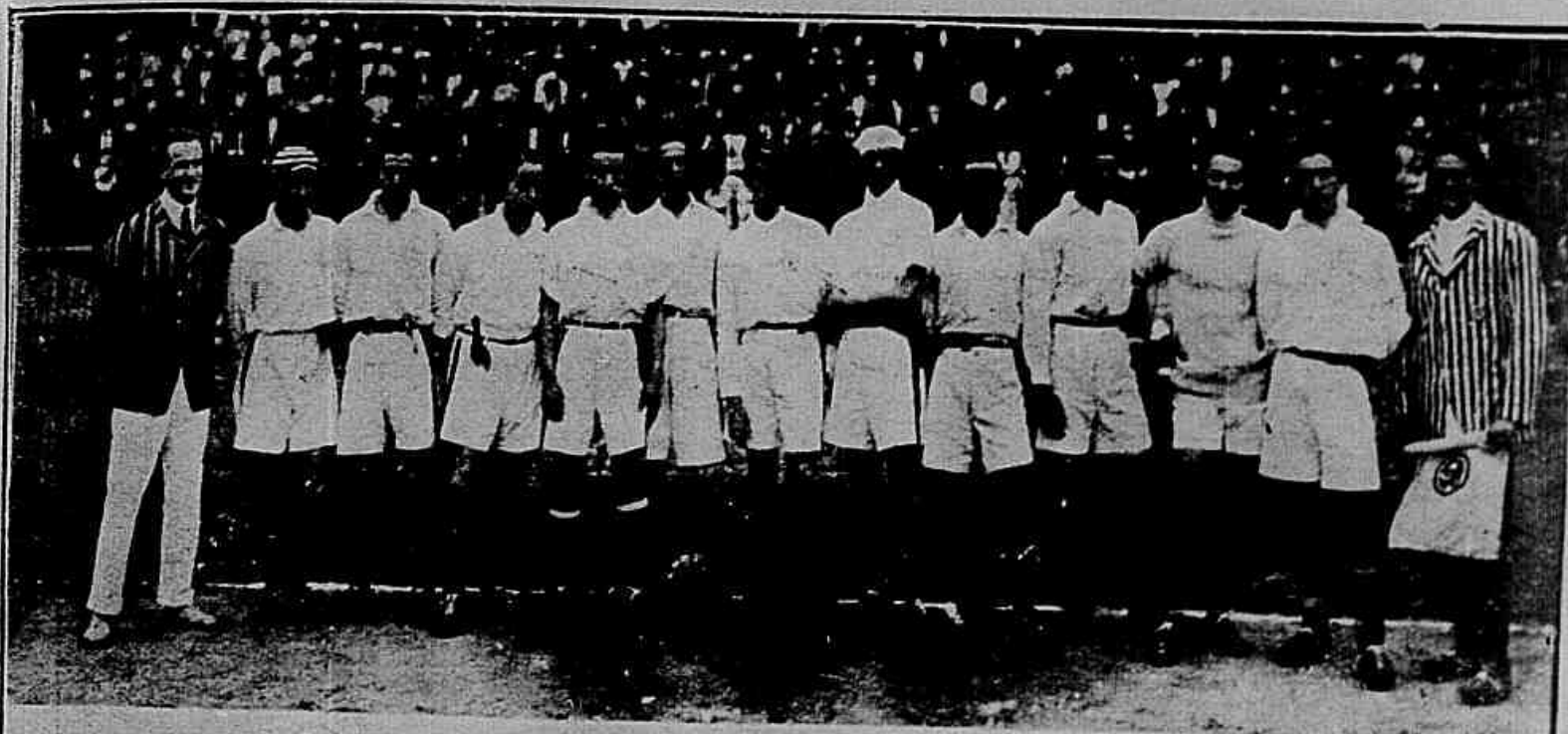
Impureza do Sangue

Molestias da pelle, Escrophulas,

Dôr nos ossos, Boubas Rheuma-

tismo, Feridas, Ulceras, Dartros, Eczemas, Fistulas, Empigens.

SÃO DEBELLADAS PELO TAYUYA' DE SÃO JOÃO DA BARRA



Em um encontro que se tornará memorável, o Club Athletico Paulistano venceu terça-feira ultima, pelo score de 1 x 0, o Fluminense Foot-Ball Club. Milhares de pessoas assistiram as peripecias do jogo, des-envolvido com technica e elegancia pelos dois valorosos teams.



Biotônico

FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



O Biotônico Fontoura restabelece as forças, melhora as funções digestivas, combate a depressão nervosa e a fraqueza muscular, melhora a composição do sangue aumentando os globulos sanguineos, estimula a actividade celular e contribue para restabelecer a saúde nos organismos depauperados. App. pelo D. N. de Saude Publica, em 27-4-1918, sob o N. 175

ODONTOL

PASTA D'ELIXIR
DENTIFRICIOS
MANTEM A
HYGIENE
DA BOCCA

CLARÊAM E
CONSERVAM
OS DENTES

PERFUMAM
O HALITO

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito

FCO. GIFFONI

1º de Março 17

PETROL

LOÇÃO DE PETROLEO
MEDICINAL

PERFUMA, —
— ONDULA,
AMACIA E —
CONSERVA O
CABELLO.

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS,
DROGARIAS, PERFUMARIAS E
NO DEPOSITO GERAL PHARMACIA E DROGARIA
FRANCISCO GIFFONI & CA
RUA 1º DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO

Menina, minha menina
Hei de te matar a tiro,
Com a garrucha da saudade,
Com a bala do suspiro.

Gonorrhéa e suas multiplas complicações (cystites, orchites, prostatites, etc.), **Leucorrhéa** (flores brancas), **Meirlites**: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de efeito garantido.

Dr. Luiz Sampaio

Das 10 às 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)
Telephone Norte 5184

Das 2 às 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 :: Tel. 6181 Central

O gosto não tem principio
A's vezes, não tem de quê;
Gosto de ti, porque gosto,
Sem mesmo saber porquê.

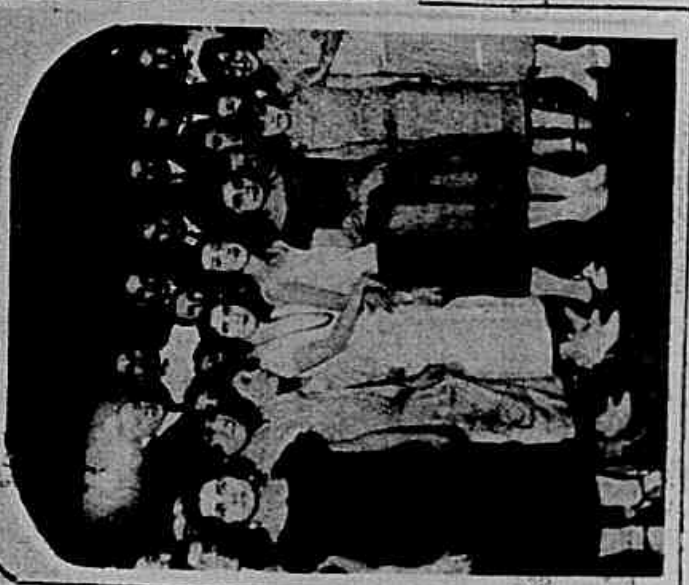
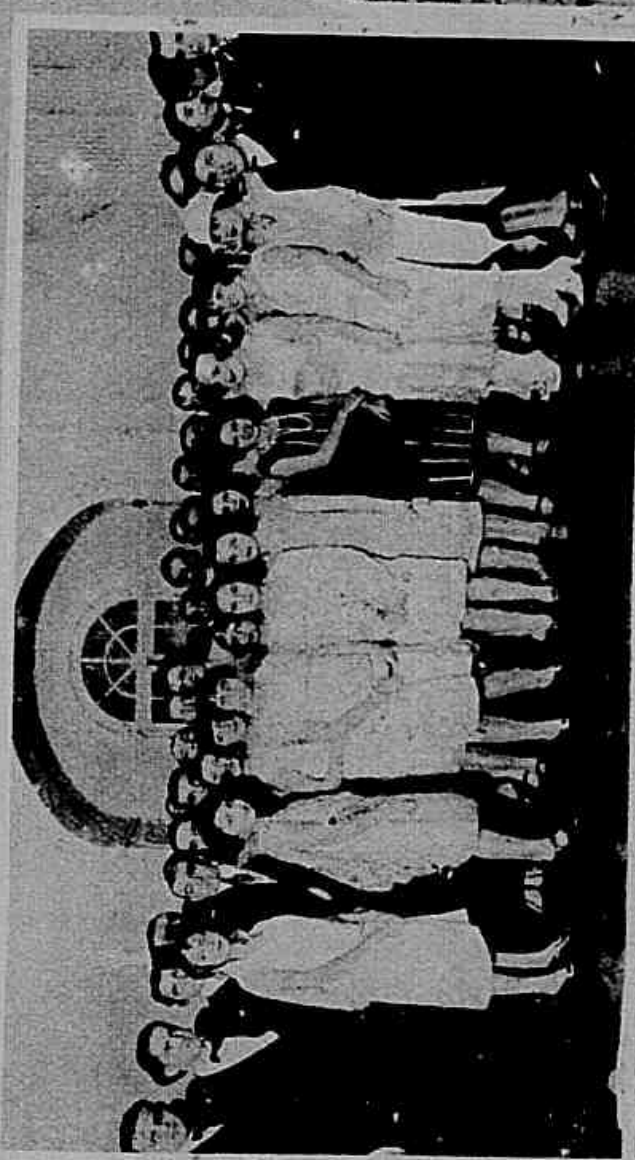
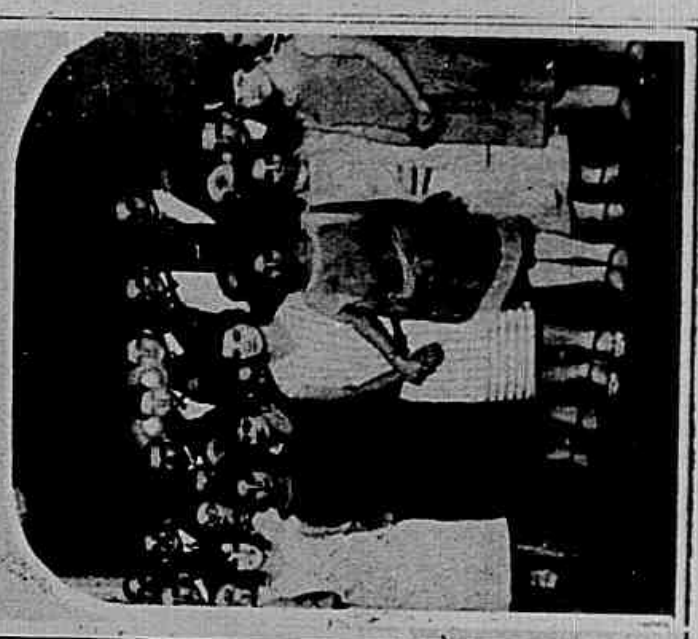
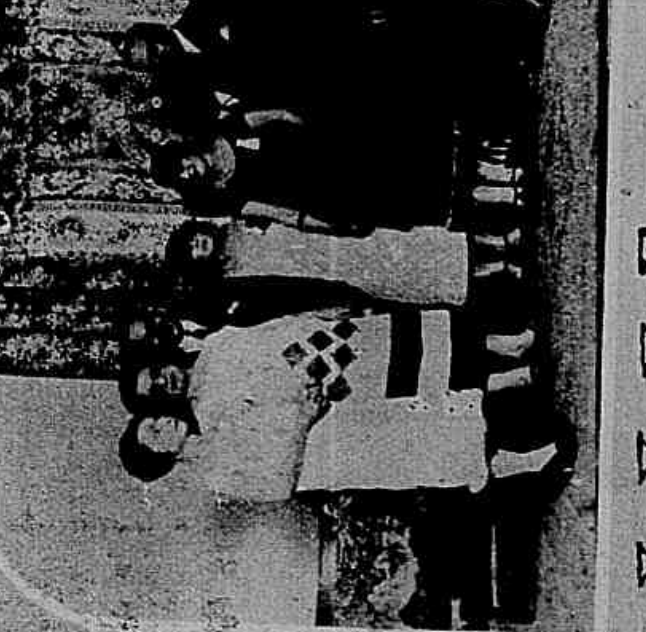
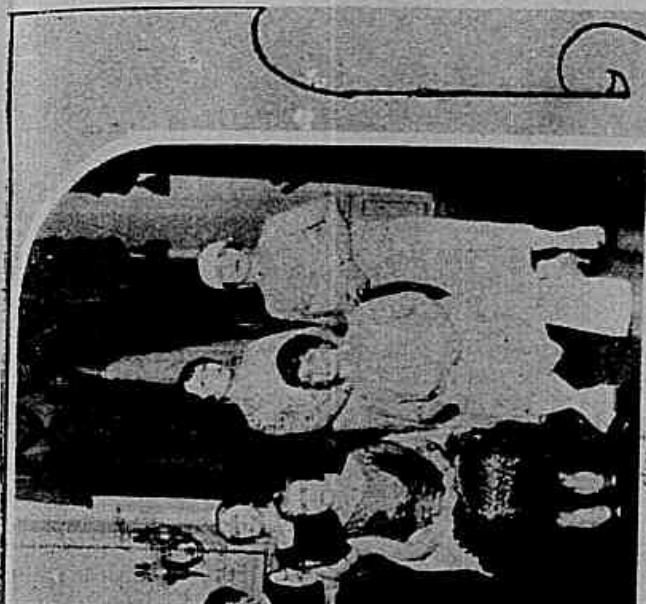
Cabellos á Inglesa e la Garçonne

Botelho, especialista a domicilio. T. S. 1504

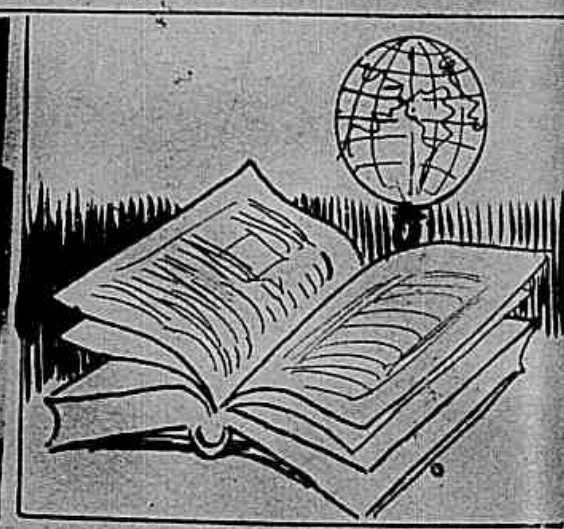
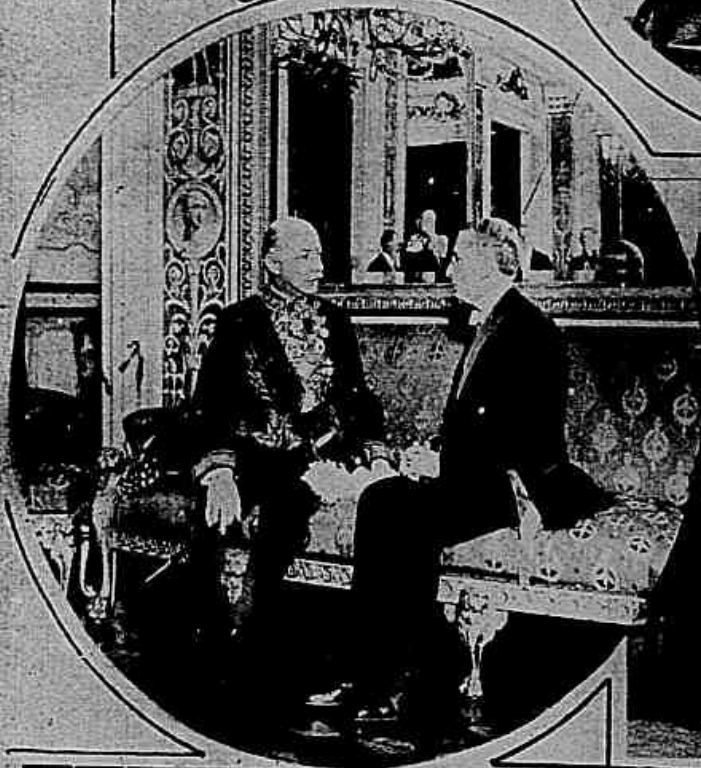
O mar se desmancha todo,
Em rendas junto da praia.
Tambem andam meus amores
Na renda da tua saia.

FESTA E CARIDADE

CRONICA PHOTOGRAPHICA DA CIDADE



Ao alto, a esquerda, Concerto em beneficio das Moças Catholicas; a direita Chá dansante no Automovel Club em beneficio do Sanatorio Nogueira. Ao centro, Festa de anniversario do Club de Regatas Guanabara. Em baixo, a direita e a esquerda, aspectos do baile realizado no Orpheon Portugal.



1 — Presidente do Estado do Rio e outras pessoas gradas, assistindo a abertura da exposição de pintura do sr. Mario Barreto, denominada Terra Fluminense, no Palace Hotel. 2 — O novo embaixador da Bélgica faz entrega das credenciaes ao sr. Presidente da Republica. 3 — Recepção de Germain Mardada da Universidade de Paris, na Escola Polytechnica. 4 — Recepção da independencia do grande paiz amigo. 6 — O dr. Raul Pederneiras, presidente da A. de Imprensa, inaugurando a rua Rumania.

Filmando. Chronica

O cinema Popular, chismado Poeira pela gente «fina» da Avenida, remodelado «de fond en comble» reabriu as suas portas. Estas, aliás, nunca, parece-nos, estiveram fechadas, mas apenas semi-cerradas, e a sua machina nunca deixou de desenrolar, mesmo entre as nuvens do pó da reconstrução, kilometros successivos de films.

E agora, finalmente, transformado num verdadeiro cinema, ampliado, adaptado ao fim a que se destina, o Popular escancara as suas portas para receber a affluencia extraordinaria dos seus frequentadores.

Essa onda sempre renovada, que aquellas portas continuamente recebem, nunca as viram os cinemas, ditos elegantes, da Avenida. Ainda mesmo quando exhibem films excepçoes, não tem elles a frequencia ordinaria do Popular-Poeira, em dias de semana.

E' verdade que se para elles se dirigisse a avalanche humana que enche o cinema da rua Larga, seria obrigada a sobrar por todas as portas, á falta de logar.

O Popular venceu por muitos motivos. Destes, o principal é a intelligencia do seu proprietario, que deixa longe a curteza de vistas dos donos das salinhas da Avenida e adjacencias.

A creação de um cinema no coração da cidade, destinado ao povo, aos operarios, platéa que não exige films caros, que se delicia com as proezas dos cow-boys inverosímeis que a phantasia infantil do Yankee creou especialmente para o cinema; eis a idéa genial, que não acodiu aos donos do dinheiro; mas que foi abrigar-se no cerebro de um homem mais rico em

audacia e força de vontade do que em dinheiro.

O triumpho do «Poeira» era assim, certo, infallivel, fatal.

Não dormiu, porém, o seu proprietario, nem se deixou ficar regaladamente a contar os lucros adquiridos.

Foi além. Ficou acordado. Viu que era preciso mais. E resolveu construir um cinema melhor, maior, para que o capital empregado obtivesse juros mais compensadores.

Hoje, a população que desce das fabricas, depois de um dia de labor, encontra no seu cinema da rua Larga mais conforto do que a gente «fina nas suas saletas elegantes».

E o dono daquillo deixa que chamem ao seu cinema o que quizerem. Poeira ou Popular pouco importa: é seu, e é melhor e mais rendoso do que os pulgentos gabinetes dos seus rivales.

M.

**Astrakan, velludos de
sêda, crepes marrocaïn de
lã e de sêda, crepes setim,
radium e romain,
charmeuses e qualquer
tecido em sêda ou lã, não
comprem sem visitar**

— a —

CASA TEDESCO

RUA GONÇALVES DIAS, 9

«Light Nin't», da Fox será interpretado por Madge Bellamy, Ethel Clayton, Wallace Mac Donald e outros artistas e não artistas.

Harrison Ford, Mahlon Hamilton e Claire Adams foram escolhidos para principaes figuras de «The Wheel», produção da Fox.

Alice Terry, Renée Adorée, Mac Murray, Pauline Starke, Mae Bush, Eleanor Boardman, Carmel Myers, Marion Davies, Justine Johnstone, Anita Stewart, Lillian Gish, Zasu Pitts, Pauline Duval e Dorothy Gish são as grandes



figuras femininas dos films que a Metro Goldwyn nos dará proximamente.

O elenco do film «Golden Bed», que já se encontra no Rio, compõe-se de Lillian Rich, Vera Reynolds, Rod La Rocque, Theodore Kosloff, Robert Cain, Julia Taye e outros simples figurantes. O film é da Paramount, e foi dirigido por Cecil B. De Mille.

John Bowers e Marguerite de la Motte casaram-se secretamente ha algumas semanas. Como veem os leitores, também na pratica e prosaica America do Norte gesta-se, ás vezes, de um bocadinho de romance...

Bebe Daniels e Hale Hamilton são as mais importantes figuras femininas do film «The Manicure Girl», da Paramount.

Huguette Duflos e Jacque Catelain são os principaes interpretes do film francez Koenismarck, a ser exhibido breve, no Rio.

Tom Moore e Renée Adorée, como se sabe, divorciaram-se ha uns dois ou tres mezes. Renée já encontrou um novo noivo, na pessoa de Gaston Glass. Tom ainda está procurando quem o queira...

Mae Mac Avoy e Pat O' Malley são as principaes figuras do elenco de «My Old Dutch», producção da Paramount. Cullen Landis e Jean Hersholt também figuram.

tas para fazer films longos, de cinco partes para cima. Langdom trabalha actualmente na Mack Sennett.

Florence Vidor vae separar-se definitivamente de King Vidor para casar com George Fitzmaurice. E King, para não ficar sosinho na vida, pretende fazer nova experiencia do casamento, com Eleanor Boardman.

«Hell's Highroad» é o titulo de um film em que Edward Burns figura sob a direcção de Cecil B. De Mille.

Marguerite De la Motte nasceu em Minnecota em 1894. John Bowers, cujo verdadeiro nome é John Elehue Bowersox, é natural de Indiana, e nasceu tres annos antes, em 1891.

«The Rose of the World» é o titulo de uma producção da Warner Brothers, com Allan Forrest e Patsy Ruth Miller nos principaes papeis.

Mary Carr, Elaine Hammerstein, Maurice Flynn, Evelyn Brent, Bob Cluster, Fred Thompson fazem parte do elenco da F. B. O.

«A Ilha Misteriosa», o interessante romance de Julio Verne, está sendo filmada pela Metro Goldwyn.

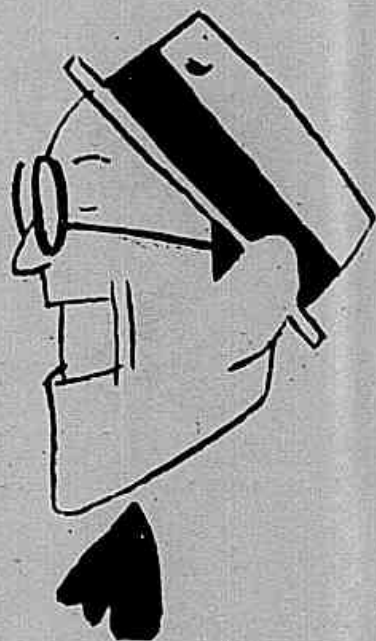
O principal papel feminino do film «The Lady Who Lied», da First National, será feito por Virginia Valli.

William Russell e Lillian Rich estão trabalhando para a Henry Grissberg Productions.

DR. PAPAFITA

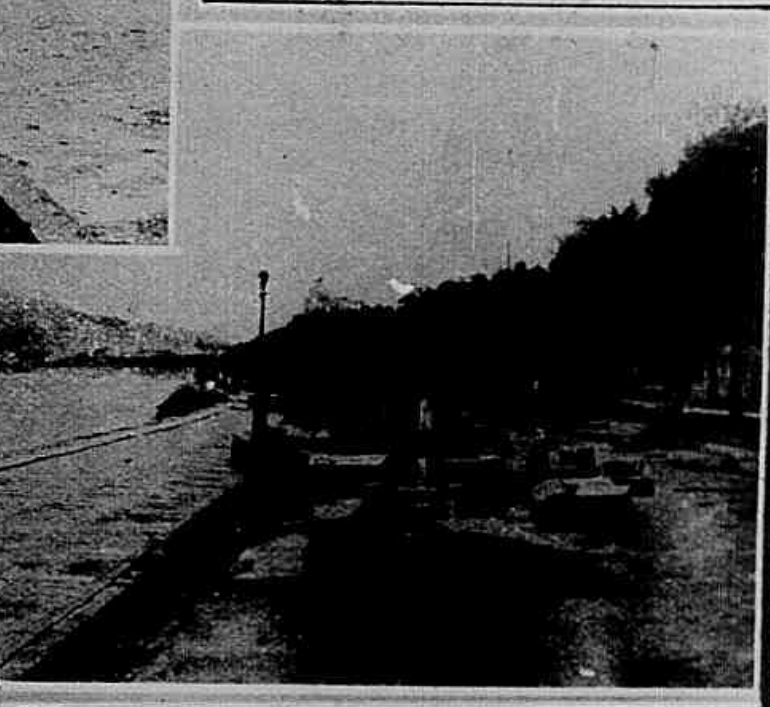
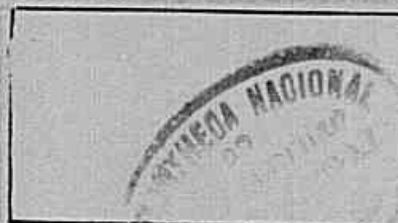
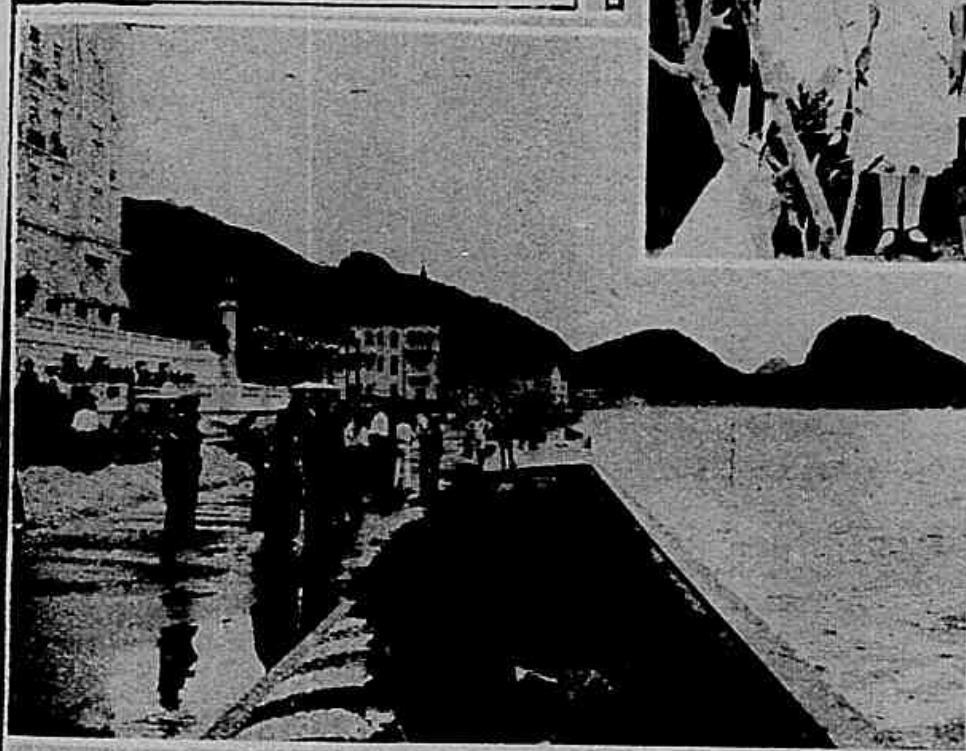
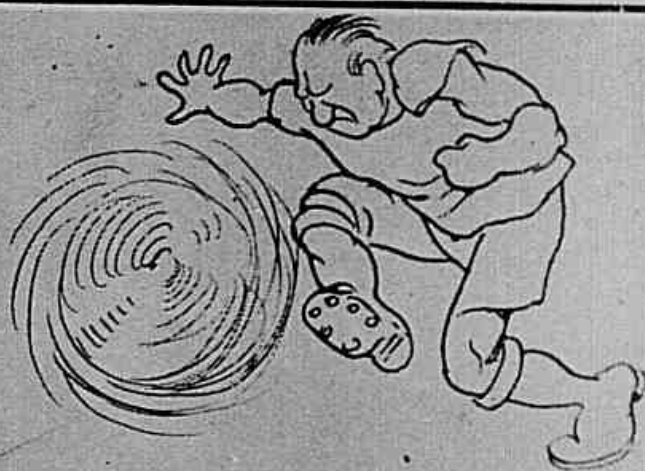


Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus
Tratamento especial indolor das
HEMORRHOIDAS
SEM OPERAÇÃO
DR. RAUL PITANGA DOS SANTOS
Da Faculdade de Medicina
Rua do Passeio, 56-Sob.
Cons. de 1 ás 4 horas



CRONICA PHOTOGRAPHICA DA CIDADE

FACTOS DA ACTUALIDADE



1 — Instantaneo do jogo de domingo passado, entre o Vasco e S. Christovão, com a victoria do primeiro pelo score de 2 x 1. 2 — Romaria ao tumulo de Quintino Bocayuva. 3 e 4 — Estragos causados pela resaca, na praia de Copacabana, em frente ao Palace e na praia do Flamengo. 5 — Banhista na praia, no dia seguinte ao da resaca.



MANTEAUX
VESTIDOS
CHAPEUS

MODELOS

ULTIMAS CREAÇÕES
DA MODA DE PARIS

NOTRE DAME DE PARIS

182-OUVIDOR



Rio de Janeiro, 18 de Julho de 1925



ABRAHÃO E ISAAC



Quando Isaac atingiu a idade de tres annos, era assustadora, em toda a Mesopotamia, a dissolução dos costumes. Debalde o Senhor destruiu, numa chuva de fogo e cinza, Sodoma e Gomorrha. Debalde descera do céu, invocada pelos prophetas, a punição dos peccados assustadores. A devassidão assolava as cidades, invadia os campos, destruia as tribus, transformando a vida em uma grande orgia irremediavel.

Indignado contra tanta perversão, imaginou Jehovah, um dia, um castigo tremendo: todo pae que sustentasse como seu, consciente ou inconscientemente, um filho alheio, tomaria, durante a noite, a creança, indo sacrificar-a, obediente, no monte Moria, para castigo das mães impuras e para maior glorificação do Senhor.

Uma noite, estava Abrahão adormecido na tenda, quando ouviu uma grande voz, que lhe dizia:

— Toma teu filho e vae ao monte Moria sacrificar-o a Jehovah!

Obediente e tropego, o patriarcha despertou Isaac, filho unico do casal, escanchou-o em um asno manso e, tomando o caminho do deserto movediço, ordenou aos servos:

— Carregae dois asnos com achas de lenha, e vinde commigo.

Tres dias andou Abrahão pelos areiaes, em busca da montanha indicada pela voz mysteriosa. Ao amanhecer do quarto dia, estava no seu cimo, e ia, já, degollar o menino, para offerecer a Deus em holocausto, quando uma pequena mão alvissima lhe deteve o braço tremulo, intimando-o:

— Detem-te, servo de Deus, detem-te! O Senhor mandou que matasses o teu filho; e sabes se esse é o teu?

Abrahão levantou os olhos, e viu: as tribus estavam todas, com os seus pastores, sobre o monte Moria, onde cada um, intimado pela mesma voz, se detinha na mesma attitude de guarda!

Espantado, o patriarcha embainhou o cutello e, concentrado em uma oração profunda, rendeu graças ao Senhor:

— Bemdito sejas tu, meu senhor Jehovah; bemdito sejas tu, que, na tua bondade e misericordia, ordenando que cada um matasse o seu filho incontestavel, e não apenas o filho de sua mulher, salvaste do ferro e do fogo todas as creanças da Mesopotamia!

E cahiu de joelhos, humilde, arrastando as barbas no chão.



CONSELHEIRO X. X.



Os dois vestidos pelo Almirante Justino Ribas

Uma das manifestações da vaidade feminina que mais me impressionavam, era o egoísmo com que as senhoras elegantes defendiam o modelo dos seus vestidos. A mim, parecia-me deploravelmente mesquinho o interesse da maioria das mulheres em evitar que as outras tivessem «toilettes» eguaes ás dellas, guardando, para isso, o maior sigillo sobre os figurinos. Se o vestido, os enfeites, as joias, os artificios, em summa, são para a mulher formosa, apenas o que é a folha para a flôr, por que essa insistencia em recusar ás outras damas o suave segredo dessas encantadoras futilidades?

Era esse egoismo que eu censurava um destes dias, em palestra íntima com a senhora viscondessa de Guaxupé, quando a veneranda fidalga me interrompeu, pondo-me no hombro a sua mãozinha enrugada, resplendente de anéis:

— E' uma injustiça da sua parte, Sr. almirante, é uma injustiça. O que o senhor considera egoismo, vaidade, inveja, ou coisa parecida, constitue, apenas, uma defesa, isto é, uma das armas com que a mulher defende o seu bom gosto, a sua originalidade, e, ás vezes, a sua reputação.

Eu escancarei a bocca, espantado

— Quer que lhe conte uma historia? — indagou a minha amiga,

E chegando a sua cadeira:

— Conheceu a Bellita?

— A mulher do Christino?

— Essa mesmo.

— Conheci, sim, senhora.

— Pois bem.

E molhando os labios engelhados, com a lingua fina, pequenina, quasi invisivel:

— A Bellita encontrou-se, uma vez, com a Lucinda Camara, que era, então, a moça mais falada do Rio de Janeiro, e, como se dava com ella, elogiou-lhe muito o vestido que ella trajava nesse dia. Estabanada como era, a Lucinda contou-lhe, no mesmo instante onde havia comprado a fazenda, o preço, o figurino, em que havia o molde, e, para maior facilidade de tudo, a costureira que o havia confeccionado. De posse dessas informações, a Bellita mandou fazer um vestido inteiramente igual, e, como tivesse gostado da modista, que

era a da Lucinda, dirigiu-se, no dia em que o vestiu, ao «atelier», afim de encommendar outro. A' sahida, porém, não havia dado dois passos, quando o «chauffeur» de um «landaulet» pulou do carro, que se achava parado á porta e, com o bonet na mão, communicou:

— O carro está aqui, á disposição de V. Ex.

— O quê? — indagou a pobre moça, admirada.

— O carro está aqui, — repetiu o «chauffeur», indicando o «landaulet»; — o doutor mandou pô-lo á disposição de V. Ex., para levá-la á pensão.

— A' pensão? — estranhou, novamente, a Bellita, horrorizada. — A que pensão?

Comprehendendo, num instante que estava sendo victima de um engano ou de uma perfidia a moça não esperou mais: relanceou os olhos pela chapa do automovel, tomou-lhe o numero, e, apressando os passos, desapareceu nervosamente, dobrando a primeira esquina. Chegando á casa, chamou o marido, e contou-lhe tudo.

— Tomaste o numero do «landaulet»? — indagou elle.

A moça deu-lhe o, e o rapaz sahiu á procura do «chauffeur». A' tarde, encontrou-o, e pediu-lhe explicações:

— Quem lhe deu ordem para ir buscar uma senhora, hoje, á rua Urugayana, em frente á casa de Mme. Dupont?

— O Dr. França, — respondeu, logo, o «chauffeur».

E informou:

— Elle me havia dito que me apresentasse a uma senhora de branco, com uma faixa cinzenta e um chapéo dourado, e eu, quando vi a senhora vestida assim, apresentei-me, para conduzi-la.

O Dr. Christino foi á procura do Dr. França, pedindo-lhe esclarecimentos; e este confessou-lhe que se tratava da Lucinda, cujo vestido, segundo soube depois, a sua mulher havia imitado!...

Terminada a narrativa, a viscondessa poz, de novo, a sua mãozinha tremula sobre o meu hombro, e insistiu:

— Viu, almirante, como é necessario que cada mulher, guarde para si, exclusivamente, o modelo do seu vestido?



ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

PAGINA PORTUGUEZA

Motivo de Aristóphanes POR JULIO DANTAS

Em casa de BLEPYRO, honesto magistrado de Athenas, PRAXAGORA, espécie de Mrs. Pankurst, de Miss Richardson do V século, acaba de proclamar na Agora o governo das mulheres, e, investida na magistratura suprema, vem, de «Pallium» amarelo, báculo e sapatos lacônios, como um homem, expôr ao marido os seus planos governamentais. BLEPYRO ouve-a cheio de assombro, corado de violetas como um bom atheniense. O sol esplende. No céu azul recorta-se a Acrópoli, branca, ericada de ciprestes negros.

BLEPYRO — não tem pés nem cabeça! Então, quem nos governa agora são as mulheres?

PRAXAGORA — Governamos, e vamos reformar as leis.

BLEPYRO — Reformar as leis?

PRAXAGORA — E' preciso que todas as riquezas sejam communs, que toda a gente viva da mesma maneira, que todos partilhem de tudo. Nunca mais haverá gente rica nem gente miseravel. Serão communs todas as heranças, todo o dinheiro e toda a propriedade. Com os bens communs, nós, as mulheres, vestiremos e alimentaremos todos os homens.

BLEPYRO — E aquelles que não tiverem nem heranças nem propriedades?

PRAXAGORA — Serão tão ricos como os outros.

BLEPYRO — E os que tiverem dinheiro e outras riquezas ignoradas de toda a gente?

PRAXAGORA — Hão de trazê-las para o bôlo commum.

BLEPYRO — E se o não fizerem?

PRAXAGORA — Serão perjuros.

BLEPYRO — Por cem talentos de ouro vale a pena jurar!

PRAXAGORA — Valeria a pena se o dinheiro servisse para alguma coisa.

BLEPYRO — Não serve?

PRAXAGORA — Desde que nós lhes damos tudo quanto o dinheiro pôde dar, de que vale o dinheiro? Nunca mais haverá gente pobre. Tudo será de todos. Pão, vinho, tunicas, calçaduras tirrénias, ouro e frutos, corôas e arvores. Ninguém guardará a moeda desde que ella seja inutil. — Mas tu de que te ris?

BLEPYRO — E se um homem vir na Agora passar uma mulher bela e quizer devorar o fruto loiro do amor, — como é que lhe pigas? Ou os seios das mulheres bonitas de Athenas também são bens da comunidade?

PRAXAGORA — E' claro que sim.

BLEPYRO — E' claro que sim?

PRAXAGORA — No meu plano de governo, a mulher será commum e terá filhos de quem muito bem quizer.

BLEPYRO — Se as mulheres forem de todos, ninguém quer senão as mais bonitas.

PRAXAGORA — Só lhe chegará a vez das bonitas, depois de terem anado as velhas e as feias. As octogenárias pintarão as faces, vestirão o seu peplos amarelo, — e serão o preço porque se hão de obter as moças e as virgens.

BLEPYRO — Isso é uma lei feita por mulheres velhas.

PRAXAGORA — Que ha de aproveitar aos homens velhos.

BLEPYRO — Em quê?

PRAXAGORA — As mulheres bonitas nunca mais se farão rogadas.

BLEPYRO — Mas hão de preferir os rapazes novos aos velhos decrepitos e disformes. Lysicrato, com os seus annos e a sua pelle ungida de oleo, cantará de contente.

PRAXAGORA — Enganas-te. E' essa, precisamente, a parte mais grandiosa do meu plano governamental. Nenhuma mulher moça e bella poderá amar um homem bello e moço, sem primeiro ter cedido ao amor de um velho disforme. Dyónisos coroará de rosas a decrepitude de Athenas, e Sócrates horrendo beijará as mais lindas bocas.

BLEPYRO — E como havemos nós de reconhecer os nossos filhos, se as mulheres são de toda a gente?

PRAXAGORA — E que vantagem ha em que os paes os reconheçam? A conveniencia dos paes é, precisamente, o desconhecimento dos filhos. Nunca mais um braço novo se erguerá para bater num homem velho, com receio de offender o proprio pai.

BLEPYRO — E se eu fôr condemnado por dividas, com que dinheiro as pago eu? Hei de ir pedir ao thesouro publico?

PRAXAGORA — Com o governo das mulheres não haverá tribunals, nem processos, nem hístas, nem justiça, — e, sobretudo, não haverá dividas, porque não haverá dinheiro.

BLEPYRO — E se eu levantar o meu báculo para bater em a'guem?

PRAXAGORA — Privo-te de alimento neas da.

BLEPYRO — E os ladrões?

PRAXAGORA — Para que hão d'elles roubar, se a riqueza é de todos?

BLEPYRO — Não ha duvida: é um plano excellent!

PRAXAGORA — Vem commigo. Vou promulgar a primeira lei do meu governo. Entregaram-me nas mãos a sorte da republica, — hei de salvar Athenas!

BLEPYRO — Pois irrei. Ao menos, quero que digam, quando me virem passar na rua, ali vai o marido da senhora governadora!

JULIO DANTAS

GALERIA JORNALISTICA



VICTORINO DE OLIVEIRA

GALERIA JORNALISTICA

Victorino de Oliveira

A imprensa carioca possui uma espécie de aristocracia, que se torna dia a dia menos numerosa. Os seus membros são os sacerdotes de Osiris do jornalismo: possuem todos os segredos da sua arte, ou antes, da sua religião. Isso, entretanto, nada lhes vale a elles mesmos, pois, trabalhando anonimamente, pelo simples amor da profissão, o mais que conseguem é a fama dentro da classe e serem disputados ardentemente pelos proprietários das folhas diárias. Essa aristocracia é a dos secretários de jornaes.

O secretário é, para o jornal, a sua alma, a sua vida, o seu tudo. Elle tem o pulso da cidade na mão, e sabe, com a sua perspicacia, filha de uma experiencia intelligente, o que convém ao paladar do leitor. Para chegar a esse ponto, são precisos, porém, annos e annos de trabalho, de esforço, de dedicação, que se resolvem, afinal, numa espécie de fado ou de presciencia.

Na imprensa carioca, os mestres d'esse genero são, por isso mesmo, poucos. Entre esses poucos, já consagrados, estão Candido Campos, Victorino de Oliveira, e Heitor de Mello. E entre esses mesmos, o mais característico pela sua vida movimentada, é, incontestavelmente, o segundo. Candido Campos foi feito na «Gazeta de Noticias» e se sahio d'essa folha foi para ficar dentro do seu titulo; sahio da «Gazeta» e entrou para «A Noticia». Heitor de Mello nasceu com o «Correio da Manhã» e vive ainda hoje no «Correio». Victorino, não; tem sido o secretario ambulante, mostrando a sua capacidade não em um jornal mas em seis ou oito, e levando, por onde vai, a victoria da folha pelo seu conhecimento do gosto popular. Como surgiu, porém, para a imprensa carioca, esse Brillat-Savarin que tempéra com o lapis vermelho e cosinha os seus acepipes no prélo?

Victorino de Oliveira nasceu, parece, no Porto, e, pelo que não parece, ahí pelo anno de 1883. E tinha já as suas doze vindimas, quando, em 1893, foi mettido em um navio inglez, para vir «fazeire o Brasile».

— Bolt-rás rico e da Ordem de Sant'Iago, rapaz. — prognosticara o tio Antonio.

E a tia Das Dôres:

— O Vom Jisus de Vraga t'ha d'acumpanháire, mô filho!

E o menino veio. Recommendado por um exportador de sardinhas, de Leixões, a um importador de vinhos e conservas da Primeiro de Março, Victorino soffreu tudo quanto soffre, ou quanto soffria outr-ora, nestes Brasis, um portuguez exilado e pequenino. Admittido na casa, accordava ás quatro e meia da manhã, e, ás seis, já havia, de vassoura em punho, escripto o artigo de fundo... do armazem. Pesando trinta kilos, pegava, ás vezes, peso de quarenta. E assim foi crescendo até que, um dia, ahí por volta dos desesete ou dezoito annos, um patricio lhe fez uma observação:

— O' Victorino, tu não gostarias de entrar para o jornalismo?

A pergunta era perfeitamente inutil. Desde menino a sua paixão pela leitura fôra a mais accentuada. O seu ideal, na vida, era o jornal. E era, mesmo; com ternuras de namorado que lia e relia a «Mala da Europa», ou manuseava um exemplar do «Seculo», de Lisboa, que lhe parecia, então, o jornal mais importante do mundo. Por isso mesmo, foi num repellão que replicou:

— Como poderia ser isso?

O outro deu-lhe informações. A colonia ia publicar um jornal, cuja redacção ia ser á rua Uruquayana. Victorino

foi. E, uma semana depois, via apparecer, em letra de fôrma, o seu primeiro escripto, de simples noticiario, sobre a morte de um padre, na Covilhã, provincia da Beira-Baixa. A folha não foi, porém, para diante, e, ao cabo de um mez, estava o rapazola do Porto sem emprego e sem jornal.

— E agora? — pensou. — Para o commercio, é que não volto mais!

E não voltou, mesmo. O «Correio da Manhã» que estava na sua phase mais vigorosa e brilhante, tentava-o. Entrou na redacção e offereceu os seus serviços.

— Quer ser conferente de revisão? — indagaram-lhe.

Acceitou. Intelligente, vivo, e com uma cultura incommum na classe, collocava-se, dentro de pouco tempo, em destaque. E foi quando o convidaram para «A Noticia», onde ia pôr em evidencia, afinal, as suas excepcionaes qualidades de trabalhador e, em particular, de assombroso organizador de jornal.

Era o cimo da escada, o ponto principal do caminho. D'ahi para diante, tudo seria facil, commodo, suave. O vespertino de Manoel da Rocha reunia, então, a flôr da mentalidade carioca. Lá estava Coelho Neto com os seus folhetins; lá estava Bilac, com as suas chronicas; lá estava Medeiros, com a sua critica literaria. E Victorino sentiu-se bem, no convívio d'aquelles nomes consagrados.

Esse ambiente, recommendou-lhe a figura. O gosto com que predispunha a materia d'«A Noticia», tornou-o disputado, procurado, desejado. Insistido para ir trabalhar na «Gazeta de Noticias», onde já estava Candido de Campos, foi. Revezando-se na secretaria, como auxiliares de Irineu Marinho, tornaram, os dois, a «Gazeta» o matutino mais interessante do Rio. Dá-se, porém, dentro do jornal a conspiração economica chefiada por Irineu.

— Precisamos trabalhar para nós; — pregava Irineu. — Estamos sendo explorados no nosso esforço, no nosso trabalho!

E agitando o seu pennacho de guerreiro:

— Quem fôr valente, siga-me!

Victorino estava entre os valentes: seguiu-o. Secretario da «A Noite», organizou-a, garantindo-lhe o successo. O jornal progredia. De repente, outra scisão:

— Vamos trabalhar para nós! — gritou um.

Victorino acompanhou os que saíam. Fundaram «A Rua». Secretario do vespertino, Victorino tornou-o um nimo. E estava a empreza na melhor phase da sua prosperidade, quando nova scisão o levou a abandonar o posto, indo fundar «A Lucta», que falleceu por falta de briga, e afinal, «A Razão», que, por signal, morreu maluca.

Apartado d'essa folha logo que começaram a manifestar-se os symptomas alarmantes do mal que o devia levar ao tumulo, regressou Victorino á «Gazeta». E lá é que o foi buscar o cidadão Renato Lopes, no dia em que, senhor de alguns dinheiros, resolveu fundar «O Jornal».

Victorino de Oliveira foi, pôde-se dizer, o verdadeiro creador d'essa folha. Mestre na arte de organizar um jornal, era elle quem tudo predispunha, do artigo de fundo ao noticiario. O redactor-chefe, esse, trabalhava no balcão.

— Agora, s'm, — pensou Victorino, — fazendo tudo na folha, vou ter, com certeza, parte nos lucros. Se os jornalistas profissionaes foram ingratos commigo, é impos-

(CONTINUA NA ULTIMA PAGINA)

O MENSAGEIRO POR JOHN BROWN

O Sr. Octaviano Almendra, caixeiro viajante de uma casa commercial da rua da Alfandega, é um desses homens honrados e pacíficos que atravessam a vida sem grandes obstáculos. Uma cousa, entretanto, o preocupou sempre: o dinheiro para a vida mundana da família, isto é, da esposa, e, não menos, para as pequenas despesas da viagem, que lhe consomem, na média, cerca de tres contos de réis por mez. O ordenado que lhe dão é de quatrocentos e cinquenta mil réis. A esposa possui no quintal uns quatro pés de morango que lhe dão uma renda de dois contos. O «deficit» é, ainda assim, de quinhentos e cinquenta mil réis, mensalmente.

Era nesse «deficit» que pensava, uma noite, o pacífico Octaviano, quando lhe surgiu a idéa de conferir uns cinquenta mil réis que havia deixado no bolso da calça, a qual ficara no cabide, no compartimento da esposa, contiguo ao seu.

Pé ante pé, entrou no quarto, que estava ás

escuras e procurou, tacteando, o cabide. Encontrada a calça, metteu a mão no bolso, arrancou de lá um maço de cedulas e voltou ao seu dormitório. E teve um susto.

— Dois contos de réis no meu bolso!? exclamou. — Mas, eu só possuía cinquenta mil réis... Como foi isso?

Intrigado com o caso, o honrado caixeiro viajante metteu o dinheiro debaixo do travesseiro da cama, e dormiu pensando no milagre. Ao acordar de manhã, apalpou o dinheiro, para vêr se não se tratava de um sonho, de um pesadello, de uma illusão, dirigindo-se, em seguida, ao quarto da esposa, onde se déra o prodigio. Esta dormia ainda. E elle viu, então, que se tratava de um auxilio divino, enviado por algum mensageiro mysterioso.

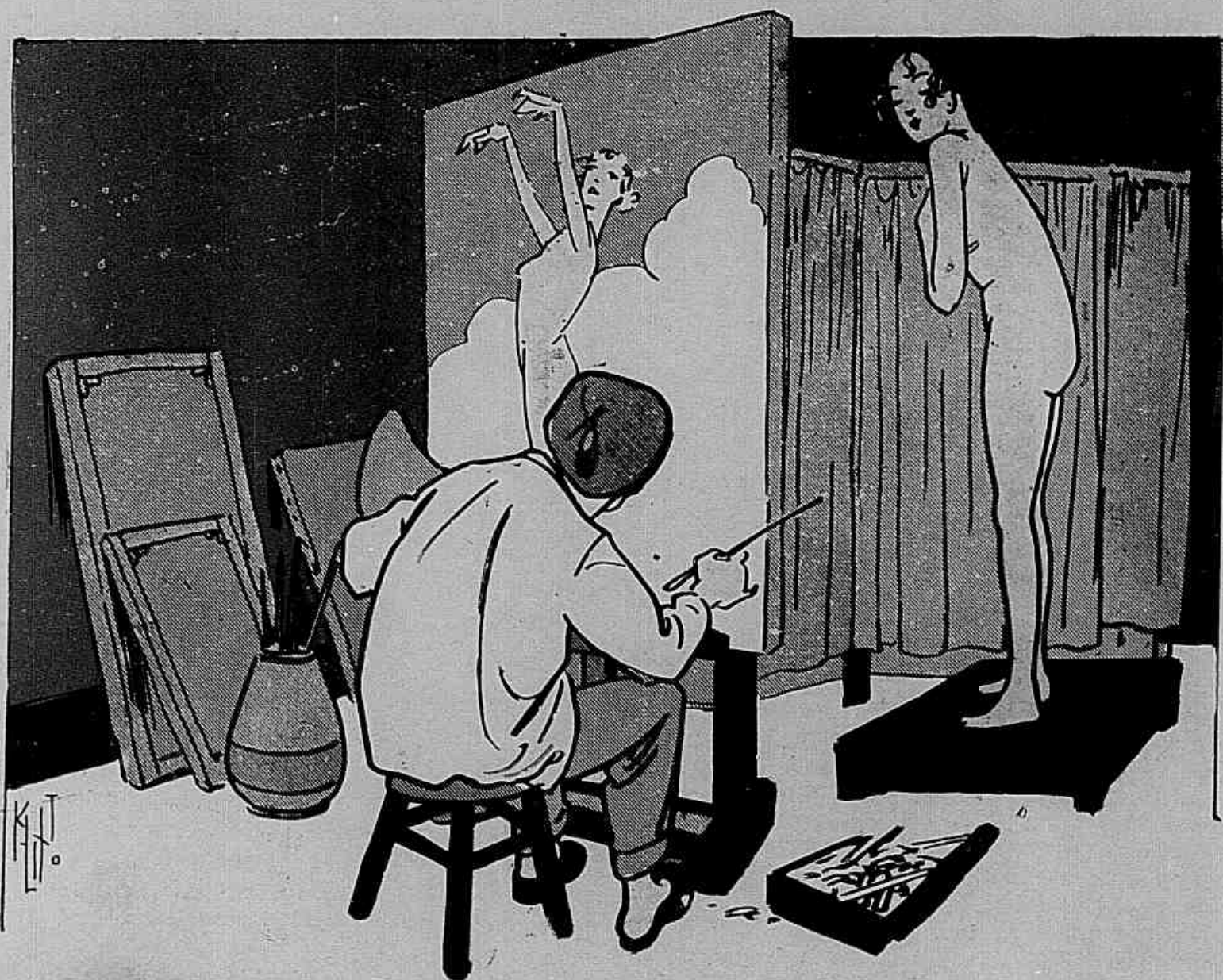
Desde esse dia, o Sr. Octaviano vive exclusivamente dos soccorros do céo, cujo enviado já encontra, á noite, a porta ligeiramente entre-aberta....



JOHN BROWN



A TORTURA DO ARTISTA



O PINTOR — Você se mexendo dessa maneira eu não posso acabar!
O MODELO — Uê!...

MAXIMALISMO POR VIEIRA VIANNA

O Athanasio Pacheco, aprendiz de funileiro, havia sahido, naquella tarde, da officina, quando o Giovanni Fiori, sapateiro em disponibilidade e maximalista em exercicio, o convidou, interessado, para uma sessão agitada na União dos Trabalhadores de Soveia, e classes Annexas.

— Você vae, hoje, ter um mundo novo aberto aos seus olhos! — assegurava o italiano. — Vocês, os brasileiros, desconhecem ainda a força, o peso, a importancia do operariado. Vamos ouvir, lá, a conferencia do Guglielmo Bonati sobre a republica dos Soviets, e amanhã você me dirá a sua opinião.

Ganhando apenas tres mil e duzentos por dia, o Athanasio achou interessante a existencia de associações desinteressadas, que se preocupavam com o destino delle e dos outros. E com a esperança faiscando nos olhos, prometeu, com a voz firme:

— Está feito; ás dez horas, estarei lá!

A' hora aprazada chegava o Athanasio, desconfiado, ao edificio em que funcionava, secretamente, a União dos Trabalhadores de Soveia. A sala, de proporções acanhadas, regorgitava de homens suarentos, agitados, pertencentes, todos, á classe dos tamanqueiros, dos sapateiros, dos chinelleiros, dos engraxates e, em particular, dos soveiros. O fumo enchia o ar, toldando o ambiente, quando o maximalista Bonati subiu a um estrado do salão, riçou os bigodes de gato espantado, alvoroçou a cabelleira, e começou:

— Camaradas! Amemos a liberdade! Ponhamos a liberdade acima de tudo, disputando-a para nós e para os outros!

Riçou de novo os bigodes, bofou, bebeu agua, e voltou á carga:

— A liberdade é mais precisa do que a vida! Disputemol-a para nós proprios, e concedamol-a a todos que dependam de nós... Livre é o mar! Livre é o vento! Livre é a fera no Deserto! Por que só o homem ha de ser escravo, e ha de procurar, no mundo, escravizar o que delle se ácerca?

Bofou outra vez, riçou outra vez os bigodes, e insistiu:

— Vêde o exemplo que nos deram os nossos camaradas da Russia, ao proclamarem em Budapesth, ha poucos annos, o regimen dos «soviets»: soltaram todos os cavallos das estribarias, das coudelarias dos ricos, para que os proprios irracionais sentissem, tambem, as vantagens da liberdade!

Terminada a conferencia, que lhe abalara profundamente o espirito humilde, ia o Athanasio para casa, quando, á entrada da chacara em que alugara um cubiculo, ouviu o ladrar furioso de um cão, que o ameaçava, preso a uma argola do muro. Ao perceber o molosso, o honesto aprendiz funileiro lembrou-se, de repente, da União dos Trabalhadores de Soveia, dos bigodes do maximalista, das suas doutrinas humanitarias e, no meio de tudo isso, da liberdade concedida, officialmente, aos cavallos de Budapesth.

— Coitado! — exclamou o Athanasio, compadecido. — Este pobre bicho vive aqui nesta corrente, sem uma noção, sequer, das vantagens da liberdade!

Commovido, agachou-se, então, e, mettendo-se por traz de uma taboa, desamarrou, cuidadoso, a corrente que prendia o cão. Este, sentindo-se solto, não teve duvidas: atirou-se, de um salto, sobre o seu libertador, que disparou, na carreira, pelo quintal da chacara, perseguido de perto pelo cachorrão!...

OPINIÃO



Ella — Que é que o Sr. sente quando dança?

Elle — Sinto que vou passar para o lado de lá.

No dia seguinte, o Athanasio contou, ponto por ponto essa historia ao velho Verissimo, contramestre da fabrica. O ancião escutou-o, paciente, e, ao fim, aconselhou:

— Meu filho, o teu caso contém um symbolo. Os cachorros são como os povos: estraçalham sempre aquelle que lhes parte a corrente...

E continuou, sereno, a lançar para o céu, uma a uma, as fumaças do seu cachimbo...

VIEIRA VIANNA

O Amor e as mulheres

definidos por escriptores Brasileiros

I

Hermes Fontes

Nas mulheres, por esthetica, e nas cobras por defeza, os bons e os máos dentes têm uma importancia decisiva.

A virtude nas mulheres feia: é agua filtrada em copo sijo. A acção do filtro é quasi inutil.

A expressão — uma mulher completa — envolve sempre uma mentira ingenua. Na mulher ha, em regra, dois terços de esphynges e um terço... das outras mulheres.

Uma mulher nua provoca o escandalo, entre todos. Mal despida — provoca o desejo entre os homens. Bem vestida, — provoca... um inqurito entre as mulheres.

Deve ser isto o amor: um sacrificio selado p'la Morte. Ou: uma mentira sellada por um beijo. Em qualquer dos casos, o selo é de grande importancia.

Para distinguir entre as feras e os homens, a Natureza deu a uns o cõ e a outros o pudor.

Em qualquer situação da vida, a mulher é sempre alguma coisa mais do que o homem. Basta dizer que, quando um homem cae em erro, todas as mulheres lhe fogem; e, se cae

em falta a mulher, é quando todos os homens a procuram...

Só o trabalho dignifica o corpo. Só o amor dignifica a alma.

Pergunte-se a economistas e sociologos onde o peor mal da Especie, as maiores desgraças da alma humana. Elles hesitarão: o jogo e o alcool... A ambição e o luxo... O ocio e o vicio...

Não é difficil provar que, em ultima analys, todas essas desgraças se reduzem em uma só: o amor.

Pergunte-se a hygienistas e demographos, aos inspectores da Saude Publica e privada, onde ha maiores flagellos do corpo humano. Elles explicarão: a tuberculose e a syphilis... a neurasthenia e a biliosidade...

Não é impossivel provar que todos os flagellos têm um responsavel occulto: o amor.

Pergunte-se a historadotes e juristas: porque é que os reis falsificam, os juizes prevaricam, e as leis se relaxam; porque é que as mulheres se enredam e os homens se hostilizam; porque é que a vida é uma ancira e a felicidade é um mytho.

Elles responderão: o Dinheiro. E o Dinheiro explicará: o amor.

HERMES FONTES

CONSPIRAÇÃO...



- ELLE — E se «elle» apparecer?
 — ELLA — Diréi que es meu irmão.

INDIOS POR OLIVEIRA E SOUZA

O então coronel Rondon — talvez o ultimo dos bandeirantes de fibra — recebeu os louros dos seus inestimaveis serviços ao Paiz, mas nem sonhou com os males que por elle esparrou... E, contrastando-os, nem sei qual mais pese: se o bem, se o mal. Este, porém, felizmente foi passageiro; e aquelle continua, sempiterno. Provemol-o: quando levaram pelos cinemas aquelle «film» respeito ás explorações do illustre m'ltar, houve poucos lares cuja paz continuou firme. Raramente casaes não brigaram, filhas não chamaram os paes retrogrados, irmãs aos irmãos de devassos, namorados e noivos não romperam o tracto por verem as dulcinéas espipadas nas frisas, ou sabel-as nos logares excusos doidinhas por assistirem á fita excommungada.

Romeu e Julieta — o casal mais provocador d'inveja ás moças da linda cidadesi-nha onde nasci, pelo amor reciproco e harmonia reinante entre as duas metades, ainda gosava a deliciosa lua de mel, quando annunciaram o «film» com o aviso de que os selvagens nelle appareciam como andavam no matto. Ao en-

tardecer disse o Romeu, que tinha andado som-brio o dia todo:

— Combinei com o Estanislau para o cine-ma, hoje...

— Pois sim, bemzinho, iremos.

— Iremos, não... tu não podes! Não leste o programma? Os outros falam...

— O marido não tem direito de ir onde a mulher não vae...

Chegada a hora combinada, estacou o Estanislau no portão da casa do Romeu. Embora espantado com o rumor de vozes, quedas de moveis, passadas, que ia lá por dentro, apertou a campainha. Logo depois botou Romeu a cabeça, o rosto arranhado e afogueado fóra da janella, afagando um «gallo»;

— Desculpe, Estanislau. Não posso ir. Vae-me um inferno por esta casa. Maldicta a hora em que casei!

Estanislau, assustado, temendo complicar a situação, escafede-se, ouvindo ainda o vozeirão da gorda sogra do Romeu:

— Corre aqui, Julieta, o cachorro vae fugir pela janella!





ASSUSTÔ?

PAGINA DE

CORNELIO PIRES

O Albino Abrantes, segunlannista de direito, figurinha apagada e toda cheia de elegancias, vagava pelos bairros da capital, de paletot cinzento, calça curta, chapéu enterrado até às orelhas, exhibindo os seus chumaços em forma de *mou*, num morder de lábios irritante, lançando olhares humidos, com aquelles olhinhos de coelho, às moças dos sobrados.

Esse figurinha era dado a conquistador, e não havia moça pobre, operaria e costureira, que lhe passasse ao pé, que não ouvisse coisas.

O pae do Albino era um pacato fazendeiro, daquele typo bom de paulista antigo, pouco amigo de *z.n.u.i.s* de cidades, aferrado á vida roccira, que manda os filhos para o collegio com o seu canastrão de roupa nova e cheirosa, enviando, de accordo com a *velha*, de vez em quando, uma caixeta de goiabada, ou um sacco de laranjas, ao fio do estudo.

Albino, depois que se matriculou, contava com a verba secreta enviada pela mãe, e assim, comento barato e mal, se enfatiava a luxo.

E quando ia para o interior? — Ah! Era um principe... Não conhecia os companheiros de infancia e mal cortejava as mocinhas curiosas que julgava cahidas por elle.

Nem na roça deixava a mania das conquistas.

— A bô... Vassuncê abra os óo... Vá bulino c'oas morena que de repente contee argu'a trapêra!

Era o Henrique, boleeiro da fazenda, que o aconselhava, levando-o para o sitio ao pae.

A fazenda, com sua casa chatarrona á frente do pomar, tendo o seu terreiro á moda velha, de terra branca em que viça o *popun* depois da colheita; a sua mangueira com paineiras aos cantos e o seu pasto enrugado com as suas casinhas da colonia, era um optimo sitio para o repouso.

Mas o Albino, com aquelle genio, não descansava.

Logo pela manhã sahia a negacear as roceirinhas pelos carreadores e á tarde ia posstar-se na biquinha para *tr.i.r* com as meninas que iam buscar agua.

Mané Justino, compadre do fazendeiro, era aggregado da fazenda desde mocinho. Caboclo sadio e trabalhador, não deixava a sua lavourinha e sempre dava a sua *d.mão* ao patrão.

Já tinha *p'suideo* uns tres selamjns de terras na vizinhança, mas não despregava da

fazenda.

— E' linda a Ditinha do Justino!

— E' ua galanteza!

— Num têm parecia pr'estas banda...

— Nem p'ótras...

Eram os commentarios dos capirotes do bairro.

Albino entendeu de perseguir a *mor.n.*

Esquiva e arisca, a Ditinha fugia sempre.

O estudante começou a esperar-a no carreador, e á hora em que a mocinha, com a marmitta numa das mãos e a *chicote* tira de café na outra andando muito de pressa, ouvindo-se de longe o *flum-fun* da sua saia, levava o almoço ao pae, saiu-lhe pela frente o D. Juan:

— Escuta, meu baml... Quero falar uma coisa para você.

— Num garre cun mollação cum'igo! Injuado!

— Vem cá... espera...

— Dizinxavido... Num dô cufiança...

E, esfregando-se pelas ramalhas dos arbustos rasteiros, lá se ia para a roça do pae.

O pelintra ca-ortiro não desanimava.

Assaltou-a um dia:

— Prompto! Que é que tem? Toma um abraço!

— Vou contá p'ra nhô pae... sin vergonha... Praga, mardidoado... Conto mermo p'ra nhô pae...

Ruborizada, acalmou-se durante o trajecto e não teve coragem...

Albino se conteve por dois dias.

Andou de espingarda ao hombro dando caça aos lagartos na serraria, por entre os tóros de madeira. No terceiro dia, meio desconfiado, á tarde, dirigia-se para o carreador.

Ia descuidado, quando, justamente numa volta do caminho, avistou o Mané Justino, que, de espingarda em pontaria, para o seu lado, espalmou a mão direita como que o detendo.

— Deixe a bagagem moço!

— Páre... Páre ahi, moço...

E um tiro, um balazio enorme, ecoou pela mata, enquanto a fumaça, batida pelo vento, entrada pela tranqueira do capoeirão...

— Conheceu, diabo! E' pr'ocê não andá lino c'as criação aicias...

Albino, estarecido de pavor, viu o caboclo approximar-se e, a uns tres metros adiante, entrar no matto junto a um formigueiro, suspendendo um lagartão que andava arrazando os pintos.

Só então o caipira olhou para o desfigurado Albino, perguntando-lhe, risonho:

— Assustô?...

CORNELIO PIRES

ALCOVA DOS POETAS

CARNES por ALCEU WAMOSY (*)

Pulchras, líriaes, bizarramente claras,
Carnes divinas, virginaes e puras,
Na ostentação de correcções preclaras,
E de preclaras pompas e brancuras...

Carnes que sois as sacrosantas aras,
De vagas e de ignotas formosuras...
O' carnes exquisitas, carnes raras,
De exquisitas e raras contexturas !...

Carnes dadas, sem mancha, em holocausto
Ao amor, e do amor florindo ao fausto,
Virgens da tentação, salvas do vicio !

Carnes extraordinarias e perfeitas,
Eleitas para um alto gozo—eleitas
Para o prazer e para o sacrificio !...

ALCEU WAMOSY

(*) Poeta gaúcho, morto em combate na revolução de 1923.



A SURPRESA DOS ANNUNCIOS POR GIOVANNI MORELLI

Não obstante não estarmos em época de Carnaval, têm apparecido nos jornaes alguns annuncios em que rapazes e senhoritas procuram senhoritas e rapazes para companheiros de pandega. Os cavalheiros, segundo as indicações, são pessoas sérias, recatadas, e as moças, por seu turno, muito recatadas e muito sérias. Parece, en-

NO PONTO DOS BONDS



- Oh! D. Conceição! que é que espera ha tanto tempo, assim tão cheia... de embrulhos?
- Que ha de ser? O Bom Successo!

retanto, que os annunciantes não têm entrado em accordo com os candidatos á companhia, pois que os annuncios continuam sempre os mesmos, nas folhas diarias.

Esse processo de arranjar amizades e protecção não é, entretanto, ao que me parece, dos mais seguros. O incidente occorrido o anno passado, e de que me deram sciencia, ha seis mezes, é um documento da inconveniencia desse recurso, que pode motivar profundos desgostos e decepções, como o do Sr. Raymundo Vicente de Medeiros.

O Sr. Medeiros, cavalheiro de 58 annos, enviuvára aos 50, ficando com duas filhas. As meninas, que estavam, a primeira com 32 janeyros e a segunda com 30 setembros, achavam, em fevereiro do anno passado, que a vida no lar paterno se tornava, dia a dia, mais intoleravel. O velho, vendo-as tão impertinentes, tornava-se, por sua vez, irascivel, dando ensejo a discussões tremendas e interminaveis.

Um dia Mlle. Lucinda, a mais velha, chamou a irmã, Mlle. Maria Alice, e propoz-lhe a solução ou, pelo menos, a suavização daquelle modo de viver: já que não se casavam, e que a vida ao lado do pae era um inferno, melhor seria que abandonassem a casa, constituindo outro lar. Havia por ahi muito homem rico, edoso e conceituado, que as podia auxiliar, e para isso bastava um annuncio, com um endereço para ultteriores combinações. Dias depois, apparecia no «Jornal do Commercio», na secção competente, o seguinte offerecimento:

SENHORITA, elegante, graciosa, sympathica, de 22 annos e de fina educação, deseja conhecer um cavalheiro de meia idade, educado e distincto, que a proteja secretamente. Carta neste jornal a Zizi.

Publicado o annuncio, em dois logares, com alterações referentes ás duas, exclamou Mlle. Lucinda, satisfeita:

— Arre! Emfim, vamos nos ver livres deste velho caduco! Tambem, já era demais!

Quando o Raymundo Vicente accordou, e foi para a mesa do café, encontrou, nesse dia, sobre um movel, o numero do «Jornal», e poz-se a lel-o, quasi sem prestar attenção. A certa altura, deparou com o annuncio assignado «Zizi», e poz-se a meditar:

— E se eu escolhesse esta pequena para consolar a minha velhice? Eu já estou cansado destas filhas, estupidas, grosseiras, ingratas, impossiveis. Que o diabo as leve, de uma vez!

E ficou com os olhos pregados no annuncio, meditando...

No dia seguinte, Mlle. Lucinda recebia uma carta, escripta á machina. Era um «cavalheiro de 46 annos, educado, distincto e bem conservado», que se promptificava a auxiliar-a. Para melhor ajuste devia ella achar-se, ao meio-dia, na Galeria Cruzeiro, toda de branco, na primeira mesa á esquerda, em uma leiteria que alli existe. Elle se apresentaria de terno cinzento, com um cravo na botoeira.

Nesse dia, quando o Sr. Medeiros pediu o almoço para as 11 horas, este já estava prompto. Sahu e, á hora aprazada, com o coração aos pulos, entrou na leiteria.

Na primeira mesa, á esquerda, estava sentada, de branco, Mlle. Lucinda Pereira de Medeiros...

GIOVANNI MORELLI



HUMORISTAS BRASILEIROS

O francez do Elesbão POR Gastão Penalva

O marinheiro moderno, viajado, com longos estagios no estrangeiro, fala diversas linguas, ou, pelo menos, uma além da sua. Sem embargo, o marinheiro antigo, de ordinario boçal e casca-grossa, muito mais homem do mar que o moderno, nunca se enrascava em porto estranho; com'a, bebia, divertia-se, fazia compras, ia ao dentista, andava de bicycle, e a é conquista-a, sem conhecer patavina do idioma do paiz de que era hospede.

Por occasião das construcções navaes, em Glasgow e New Castle, muito tempo teve a nossa gente para aprender, quando mais não fosse, a lingua ingleza, que é a lingua do mar por excellência, tão propria delle e tão viajada que não morrerá de fome, percorrendo o mundo inteiro, da Islandia á Terra do Fogo, quem só souber pedir pão em inglez. E' literalmente o idioma do oceano. Si os peixes falassem (esta observação escapou de certo a Buffon) haviam de fa'ar sómente inglez.

Pois, mesmo assim, o Elesbão Heliodoro, marujo da velha guarda, sabia apenas, como ninguem, expressar-se pessimamente numa unica lingua: o portuguez. Mantinha tal horror pela linguagem de outras raças que fazia timbre em cada vez mais nacionalizar-se, desprezando tudo quanto lhe cheirava a estrangeiro, complicado e indigesto.

Entretanto, era um cabra navegado. Conhecia a p'amos o Rio da Prata; esteve por dias vezes na Inglaterra, donde trouxera o «Pauhy», e uma vez no Chile, na accidentada commissão Belfort.

Contam que certa occasião, no Harre, estava o Elesbão parado deante de uma vitrina de joalheiro, contemplando embevecido o brilho offusante daquelles ouros e daquellas pedrarias, quando chegou á porta uma francezinha, vândusa do estabelecimento, e lhe disse:

— Entrez, monsieur. Qu'est-ce que voulez-vous?

Ao que elle resmungou na sua lingua, muito enfiado:

— Madama, eu não quero nada. Esta-a aqui apreciando esta limpeza de amarellós.

E como a moça insistisse, concluiu:

— Home, minha senhora, sabe o que mais? Eu não sei fa'ar francez. O que eu quero é regarder. E retirou-se a gingar, aborrecido.

Quem muito se deleitava com essa ogerysa linguistica do Elesbão era o Anacleto Boa-Morte, auxiliar de escrevente, com pretensões a letrado, e collaborador da folha literaria de sua terra, no sertão do Ceará. Era elle quem mais gostava de metter a ridiculo o companheiro, aproveitando quasi sempre por thema a phobia deste pelo idioma alheio.

Singrava o «São Paulo» o rumo de Antuerpia para buscar os reis da Belgica, e nelle iam embarcados o Anacleto, nas suas funcções de habi dactylographo, e o Elesbão, como facheiro.

Uma tarde após o rancho, cachimbavam ambos costados a uma barbeta de vante, quando o Anacleto, para desconcertar o outro, se lembrou de perguntar-lhe:

— Então, camarada, va nos mesmo buscar o rei?

— Que duída! respondeu o facheiro. O rei e a rainha.

— Mas, diga-me uma cousa, amigo. Você já pensou no futuro?

— Que futuro, home? Já vem você com lchage...

— Sim, Elesbão. Você está de viagem para a Belgica, onde se fala o francez. Não sabe uma palavra desta lingua. Amanhã chega o rei a bordo. Diz que elle é um homem muito democrata, muito amigo de conversar com os marinheiros. Imagine si elle se lembra de dar un passeio pelo navio, e encontra você; pergunta-lhe qualquer cousa, e fica você com cara de idiota, sem saber responder.

— Ah! Si é isso, não ha novidade, exclamou jubiloso o facheiro. Vocês fazem um bicho de sete cabeças de tudo quanto é estrangeiro. Olhe, eu cá não me enrasco. Si o homem me disser, por exemplo, lá no francez delle:

— Bom dia, Elesbão. Como vaes passando? Eu respondo assim:

— Eu vou passando tr's b'ien merci, s'u reis.

G=A=S=T=Ã=O P=E=N=A=L=V=A

"MISTER" PICKVICK POR MENOTTI DEL PICCHIA

Eu conheci bem «mister» Pickvick. Uma trama arachnidea de vasos capillares tomava-lhe o rosto, como si sua pelle estivesse envolvida numa rede de minusculas malhas vermelhas. O nariz era um borrão de sangue, e os seus olhos, miudos, sempre espertos pelo alcool, lembravam duas estrellinas a faiscar entre as pinças candentes das palpebras.

Sua bocca sugava como um mataborrão. Cultivava sua sede como se cultivava uma virtude: com batatas fritas, com queijos salgados, com tudo o que é hydrophilo no mundo. Não que as virtudes se cultivem com essas cousas prosaicas... O que disse retro é apenas uma figura de rhetorica... (Com vistas aos que não são futuristas).

Mister Pickvick gostava de chope. Gostava de chope allemão. Por isso, mal tinha noticia de que em Santos atracára um navio tulesco — e para isso exercia uma séria vigilância nos annuncios das agencias maritimas nas secções-livres dos jornaes — embarcava para Santos, partia para bordo até á hora em que, bebado, era posto fóra do bar pelos marinheiros ou pela policia.

Certa vez um seu amigo, que fóra ao convez do «Hamburgo» despedir-se de conhecidos que rumavam para a Europa, encontrou «mister» Pickvick andando de quatro pelo bar, bebado como um Perú nacional em vespera de banquete. Piedoso, quiz erguel-o:

— Não o faça! — bradou um official — Quando esse homem consegue novamente equilibrar-se nas duas pernas, recomeça a sua feira de duplos... E' um inferno! Depois recá de quatro e começa a ladrar como cachorro. E' muito engraçado...

— E ha quanto tempo o homem está ali?

— Ha tres dias...

Era assim o «mister» que conheci! Era o «record» dos bebedores... Diria, convencido:

— Eu bebo um chope só.

De facto, b.b'a chope só, em cada venda. Em quantas, porém, entrava diariamente para tomar um só chope, é que não ha estatistica que o registre.

Certa vez, «mister» Pickvick sentiu-se mal. Consultou o dr. Heinhauf, seu luminoso patricio, e este sentenciou:

— Seu caso é grave. Trata-se de uma linda infiltração de levedo de cerveja através de todos os póros das mucosas, e principios de crystallização de lupulo na medulla, com prodromos de formações ganglionarias de canaes alcoholicos nos rins e no figado. A bexiga está impermeavel pela formação de uma crosta de cevada na peripheria interna...

— Então, estou morto, doutor!

— Não — pontificou o cientista. Ha um remedio: deixar de beber.

«Mister» Pickvick amava a vida. Mas amava a vida porque ella dava uma garganta e um estomago, e, de intermedio, um esophago por onde a delicia liquida da cerveja passava, despertando-lhe, como uma lyra vibratil, fremitos de pura gula. Continuar a beber... Seria a morte! Tomou, pois, uma resolução: ficaria abstemio!

E pela manhã não bebeu. Passou diante do primeiro bar rigido e duro como um hussard da morte. E elle, para consigo mesmo: Bravo «mister»! Assim que eu gosto de te ver. Força de vontade! Passou pelo segundo. Nada. Não entrou. No terceiro, o velho habito fez que seu pé direito pisasse o limiar, numa investida frusta. E elle: «Que dabo é isso, «mister»! Onde está tua promessa? Queres desmanchar o feito? «E não» entrou. Assim nos outros quatorze «bars» onde costumava, deglutir um chop, um só, como de'iberára.

Foi para o escriptorio, onde trabalhava, com um grande tedio da vida e internas revoltas das suas visceras, geralmente conservadas em alcool. Bocijou, aborreceu-se, ficou impertinente, mas procurava consolar-se: «As grandes renuncias fazem os heroes. Os homens só valem por aquillo que representam como somma de vontade e como manifestação de força de resistencia. A personalidade humana traduz-se em valor moral na relação directa do seu espirito de resistencia. Não bebi. Sofri. O sofrimento é que engrandece a vida...»

A philosophia sempre foi a magra consolação dos desconsolados. E' uma especie de o'so roído, que o homem inventa para enganar o appetite, prolongando um martyrio com a illusão de uma mençacissima sociedade. Mister Pickvick fechou as suas considerações subjectivas, as gavetas da escrivaninha, o expediente do escriptorio e sahio.

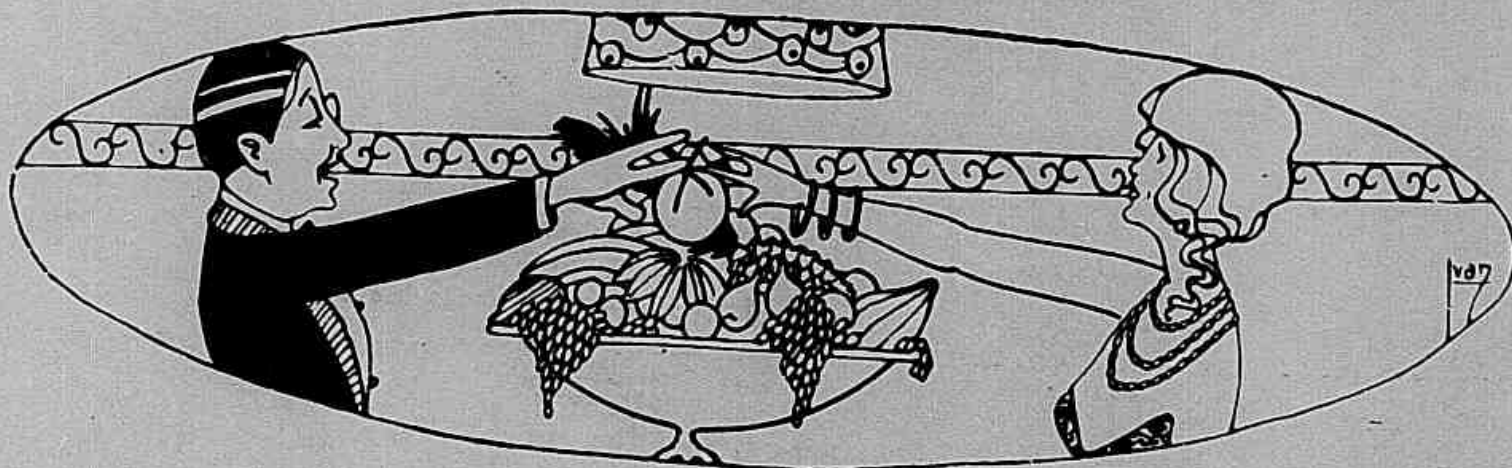
Recomeçou seus heroicos passos. Renovou o calvario da sua abstinencia. Diante do primeiro bar, teve um arrepio. E a voz da consciencia applaudiu-lhe a coragem: «Bravo! Não entre! Resista! assim!» Segundo bar... Terceiro... Quarto... Quinto...

Ao chegar ao sexto, porém, parou admirado da sua pertinencia. E, num rasgo de entusiasmo, obtemperou:

— Gostei de você, Pickvick! Você é um bicho! Agora, á saude da sua abstinencia, póde beber um bocadinho...

E tomou a maior carraspana da sua vida.

MENOTTI DEL PICCHIA



O HUMORISMO NOS ESTADOS (Pernambuco)

ADÃO E EVA por ALVES BARBOSA

O mundo estava feito.
 Mas Jehovah de invenções sempre fecundo.
 Não se encontrava ainda satisfeito
 Com a maneira por que fizera o mundo.
 As arvores, as bestas, tudo quanto
 No universo existia
 Era bello. No entanto,
 Ia mais longe a sabia phantasia
 Do douto Padre Santo.
 Faltava algo de que elle, no começo
 Da obra, não cogitara;
 Alguma coisa de valor, de preço,
 Alguma coisa cara
 Que, dotada de vida e sentimento,
 Com o criterio preciso,
 Vivesse sob o azul do firmamento,
 Entre os encantos mil do paraíso.
 E, sentado na selva avelludada,
 Passando a gorda dextra na caréca,
 Jehovah teve uma idéa desastrada
 Que o fez berrar alegremente: — Eureka!
 E dando palmadinhas sobre o abdomen,
 Sorrindo cheio de satisfação,
 Pensou fazer mais uma besta — um homem.
 Dahi a pouco estava prompto Adão.

Mas como Adão, guloso entre os gulosos,
 Não possuindo a experiencia dos astutos,
 Ao olhar para os fructos saborosos,
 Quizesse logo devorar os fructos,
 O Senhor lhe observou
 Com a maxima prudencia:
 — Devora tudo quanto aqui te dou;
 Não comas, porém, da arvore da sciencia.
 E a macieira apontou.

Adão que ainda era pèco,
 Ouviu aquillo e mastigou... em secco...

Ora, notando um dia
 O piedoso Jehovah
 Que só Adão vivia,
 Andando por aqui, por acolá,
 Nervoso, acabrunhado,
 Em grande pasmaceira,
 Pensou que elle devia ser dotado
 De uma docil e bella companheira.
 E fazendo-o dormir, sem mais aquella,
 Sem magoal-o siquer,
 Tirou-lhe uma costélla
 E della
 Fez uma formosissima mulher,
 Um mimo de candura,
 Capaz de seu autor tornar ufano
 E cuja formosura
 Não pode descrevel-a um ser humano.

Tal foi a commoção
 De Adão
 Ao olhal-a,
 Que até perdeu a fala.
 E não podendo agradecer offerta
 Tão linda, tão gentil,

Ficou de bocca aberta
 O imbecil!
 Eva olhou-o e sorriu
 Ao perceber-o assim...
 O homem primeiro viu
 Naquelle cherubim
 A alegria da sua vida calma,
 A estrella, a luz, o verdadeiro amor,
 Metade de su'alma
 Transformada em mulher pelo Senhor.
 Tudo que ella queria, elle queria,
 Tudo que ella sonhava, elle sonhava.
 Quando um delles pulava de alegria,
 De alegria tambem o outro pulava.

Entretanto, uma vez, de Adão na ausencia,
 Uma alegre manhã,
 Em um dos ramos da arvore da sciencia
 Eva poudo avistar uma maçã.
 E a sorrir, saltitante,
 Numa expressão sincera,
 Communicou a Adão no mesmo instante
 A grande descoberta que fizera,
 Mas elle, recordando de momento
 As ordens que do Mestre tinha ouvido
 Procurou afastar-lhe o máo intento,
 Mostrando ser o fructo prohibido
 Corruptor do divino sentimento.

Encontrava-se, pois, Eva inteirada
 De que o fructo era máo, infelizmente,
 Quando, um dia, com voz adocicada,
 Uma enorme serpente
 Resolve seduzil-a
 Para que o fructo a joven devorasse,
 — E ficasse tranquilla
 E tranquilla ficasse,
 Porque aquella maçã appetecida
 Era o bem, era a vida!

E tanto argumentou,
 Tanto, tanto teceu,
 Que Eva o fructo tirou
 E comeu
 E... gostou!

Adão, que ao vel-a, no apressado passo
 Vinha a fatalidade prohibir,
 Arfando de cansaço
 A' tentação não poudo resistir
 E... comeu um pedaço!

Emquanto que a serpente
 Ria cynicamente.

Quando Jehovah chegou
 Ao local afamado,
 Com horror constatou
 Uns restos de peccado.
 E vendo Eva mais linda,
 Mais nobre, mais louçã,
 Quiz reprehendel-a ainda,
 Mas, dando pelas sobras da maçã
 Suspirou e gemeu.

Adão, que se escondera, estremeceu!



NEMES
"A Capital"
Rio



Por este tempo de inverno,
De frio intenso e geral,
Ao homem chic e moderno
A capa nunca vae mal.

Complete, pois, o seu terno
Com as capas da

"A Capital"

THEATRICE

O THEATRO DE AMANIÃ

Vamos dar hoje aos leitores algumas amostras authenticas do que talvez venha a ser o theatro do futuro.

Aqui temos a primeira. E' um drama italiano, em um unico verso. Nada é mais synthetico, como vão ver.

PERSONAGENS: *Marido e mulher*

ACTO UNICO — SCENA UNICA

(*A mulher chega da rua*)

O Marido

— De onde vens?

(*A Mulher baixa a cabeça, muda*)

O marido, feroz.

Eu sei tudo!

A mulher, com prixão —
Adoro-o!

O Marido, disparando o revólver —
Morre!

(*CAE O PANNO*)

Aliás, não são muito modernos taes processos. Já em 1846 foi conhecida uma tragedia intitulada *Caim*, que aqui vae na integra:

ACTO I

(*A INVEJA*)

Caim

(*Despertando, á sombra de uma arvore*)

Meu pae prefere-o.

Abel

(*Abraga affectuosamente o irmão*)

Irmão querido...

(*Vendo que Caim se afasta zangado*)

Foge de mim!

ACTO II

(*A reconciliação*)

(*A' noite, na cabana de Adão. Os paes da humanidade contemplam Cain e Abel, aquelle sombrio, alegre este*)

Abel

(*Abragando Caim*)

E's meu amigo?

Caim, secco
Sou.

Adão e Eva, beijando os filhos
Amae-vos sempre!

Abel, commovido.
Oh! sim!...

ACTO III

(*O SACRIFICIO*)

(*Junto aos dois altares. Os dois irmãos sacrificam a Deus.*)

Abel e Caim
Senhor!

(*Uma labareda consome a hostia do altar de Abel. O vento derruba o altar de Caim*)

Caim, furioso
Que vejo?

Abel, supplicante
Zangou-se o céu...

Caim

Vingança!

ACTO IV

(*A simulação*)

(*A' entrada da cabana Eva sorri aos filhos.*)

Eva
Onde ides?

Caim e Abel
Passeiar.

Abel
(*Abragando Eva*)

O' mãe!

Caim, enciumado
Vens, ou ficas?

ACTO V

(No campo deserto, sob ameaça de tempestade Caim investe, de clava erguida, contra Abel, que está deitado).

Abel
Piedade, Caim!
Caim
(Desferindo o golpe)
Morre!

Uma voz, nos céos
Maldito!

(Cae o pano)

Entretanto, o Conego Carlo Beni compoz a peça *Rosmunda*, em cinco actos e apenas cinco versos. Cá está ella:

PERSONAGENS: — *Rosmunda* — *Albuino*
— *Almachilde* —

ACTO I

Albuino e Rosmunda

ALBUINO, offerecendo de beber a *Rosmunda*, pelo craneo do pae della.
Bebe!

ROSMUNDA
Oh! não!

ALBUINO
Eu mando, bebe!

ROSMUNDA, consigo
Treme!

ACTO II

(Os mesmos)
Albuino

Triste!

Rosmunda
Então, devo?

Albuino

Esquece...

Rosmunda
Tu verás!

ACTO III

(*Rosmunda e Almachilde*)

Rosmunda
Eu te amo, escravo!

Almachilde
O' céos, que ouvi?

Rosmunda
Sou tua!

ACTO IV

(Os mesmos)
Rosmunda

Mata-o!

Almachilde
E' o rei!

Rosmunda
E' teu rival.

Almachilde
Sim! Morra!

ACTO V

(Os mesmos e *Albuino*)
Albuino

Socorro!

Rosmunda

Morre!

Almachilde

Morre mesmo.

Rosmunda, tomando a taça, que é o craneo do pae)

Agora, bebo.

Não é tudo. Ainda ha outra peça mais concisa e feita simplesmente com as letras do alphabeto, que devem ser lidas em francez. E' uma obra prima.

A TRAGEDIA DO ALPHABETO

ABBÉ PÉQU (a, b, p, q)

O principe ENO (n, o), amante de
ACHIKA (h, i, k)
O carrasco UVÉ (u, v).

Ao levantar do panno, o *Abbé Péqu* está ajoelhando aos pés de *Achika*. Entra *Eno*, que o surprehende nessa attitude compromettedora.

ENO: a, b, c, d! (*Abbé, cédez!*)

PÉQU, com desprezo: é, f! (*Effe.*)

ENO: g, h, i, k; l, m, n o! (*J'ai Achika, elle aime Eno!*)

(O abbade não se mexe.)

ENO: p, q, r, s, t! (*Péqu est resté!*)

(*Eno corre furioso para a porta e brada:*
u, v! (*Uvé!*))

(Apparece o carrasco.)

Eno, apontando para *Péqu* e fazendo um gesto significativo: Z! (*zzz!*)

(Cae o panno.)

Para terminar, aqui damos o drama «Excesso de Velocidade», em um acto, de Verlaine. E' a melhor parodia a tantos disparates.

SCENA I

(Ao levantar o panno, estão em scena um *Sujeito* e uma *mulher*, abraçados.)

SCENA II

(Entra *Outro Sujeito* que, pé ante pé, dos dois amantes se aproxima e os mata a tiros de revólver. Jazem os cadaveres, com os rostos voltados para o chão. O *Segundo Sujeito* vira um dos corpos e tem um gesto de surpresa. Faz o mesmo ao outro — e espanta-se ainda mais.)

(O *Segundo Sujeito*)

Ora, essa! enganei-me...

Ninguém, dirá que falta emoção a esse deploravel engano de um coração enciumado.

CORONEL KHAR ONA

PYRILAMPOS, POR

LANE DE LACERDA

Gosto de ver, á noite, pelos campos,
N'uma orgia de luz e de fulgor.
Os pyrilampos,
Essas divinas lagrimas de dôr,
Feitas em luz,
Mais brilhante que o pranto de Maria
Ao contemplar as chagas de Jezus...

Dentro da noite cheia de bonança.
Que symbolismo nessa luz acceza!
Nella revejo a luz de uma esperança
Procurando nas trevas a belleza...

Pyrilampos!
Almas de luz illuminando os campos!
A rebrilhar na noite enluarada
Mais do que os olhos da mulher amada!

Rosario de ironia
A revoarem sobre a terra fria!

Astros errantes, novos arrebóes
Estrellas soltas, pequeninos sóes,
Vosso fulgir na escuridão da matta
Scintilla mais que as ricas pedrarias
Encastoadas no luar de prata
De minhas phantasias!

Pyrilampos!
Um sonho de esmeraldas sobre os campos!

Espelhos d'alma de um poeta afflicto
Dentro da vida, carcere medonho,
Que lhe cerceia o goso do infinito
Tornando a gloria da escalada um sonho!

LANE DE LACERDA

(Continuação)

VICTORINO DE OLIVEIRA

sível que este sujeito, que nada entende de jornalismo, não se mostre agradecido!

Um dia, entretanto, estava no seu posto quando lhe foram dizer que «O Jornal» estava vendido. Passava a outros donos.

— E o Renato?

— O Renato recebeu 3.600 contos e não virá mais aqui. Victorino franziu as sobrancelhas. No dia seguinte, procurou o ex-director.

— Meu caro senhor — disse-lhe, — nós fizemos o seu jornal, sózinhos. Demos-lhe nome, importância, e, agora, fortuna. Será possível que o senhor não offereça nada aos seus antigos auxiliares?

— Ah! isso, não! — fez Renato Lopes. — Offereço, sim. E como quem faz um grande favor:

— Eu vou offerecer um almoço a vocês!

Em Victorino de Oliveira não ha, entretanto, apenas, o Foch do jornal. Critico de theatro, e autor, elle proprio, de varias peças ligeiras, é um estylista conciso, um escriptor moderno, fino, elegante. Nada d'isso, porém, o tira da banca de Secretario.

— Eu nasci para ser a agulha do conto do Machado de Assis, — diz elle; — vou abrindo buraco para os outros passarem.

E como a agulha, do conto;

— E quanta linha ordinaria eu tenho puxado!...

GUTTEMBERG



**BLÉNORRAGIA, CYSTITE,
CATHARRODA BEXIGA**

Tratamento rapido e completo com a

*Injecção Anti-Blenorrhagica, Capsu-
las citrinas e*

Licor de Alcatrão Composto de

MEDEIROS GOMES

Deposito: ALFANDEGA, 213 e AV. PASSOS, 86

Pharmacia N. S. Auxiliadora

Lic. pelo D. N. S. P. sob os ns. 573, 694 e 49

Minha prima Mariquinha,
Meu amor, minha paixão,
Serei teu p'ra toda a vida
Quer teu pai queira, quer não.

Numeros atrazados da A MAÇA

encontram-se a venda na LIVRARIA BRAZ LAURIA

R. Gonçalves Dias, 78

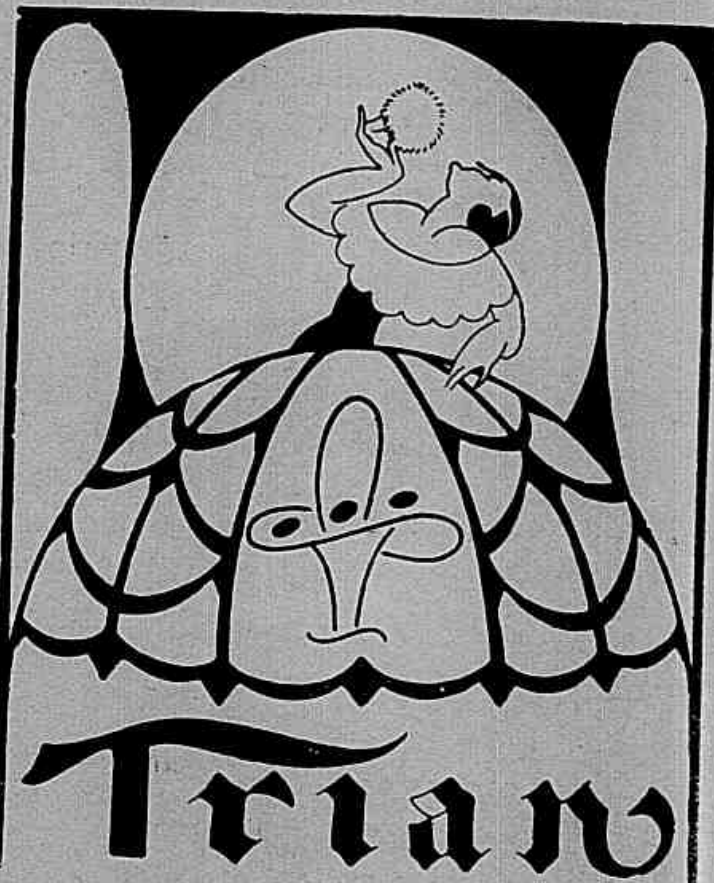
LOTERIA FEDERAL



UNICA official.
UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.
UNICA por cujos premios responde o Thesouro.
UNICA extraída a vista do publico nesta Capital.
CAPITAL: 3.000 contos com o deposito de 500 contos no Thesouro.
PRELIO proprio, á Rua 1.º de Março, 110, com frente para á Rua Visconde de Itabora-
ráhy, 67. Extracções diarias ás 2 1/2, e ás 3 horas aos sabbados.
Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porte.



Lá detrás daquelle cêrro,
E' o sertão do Seridó.
Faço carinhos a todos
Mas quero bem a ti só.



TRIAN

AGUA DE COLONIA cara,
mas superior a todas as
outra.

PÓ DE ARROZ barato mas
bom



Vigogenio

Engorda e dá vigor aos tecidos

O melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de «VIGOGENIO» faz mais effeito que um vidro do melhor tonico.

As Mães que criam, os Anemicos, as Moças pallidas, as Crianças rachiticas e Escrophulosas, os Exgottados, os Depauperados obtêm CARNE, SAÚDE, VIGOR e SANGUE NOVO, usando o «VIGOGENIO»

O «VIGOGENIO» é aconselhado:

1.º — Para as pessoas Fracas, Magras e com FALTA DE APETITE.

2.º — Para as pessoas com EXGOTTAMENTO PHISICO e cerebral, NEURASTHENIA e Excitação nervosa.

3.º — Para as pessoas em Convalescença de MOLESTIAS INFECIOSAS como FEBRE TYPHOIDE, grippe, VARIOLA, etc. Nestes casos o «VIGOGENIO» é de grande resultado.

4.º — Para as SENHORAS GRAVIDAS é muito recommendado, porque, devido ao seu grande poder nutritivo, augmenta a secreção lactea, concorrendo para a nutrição do pequeno sêr em formação.

5.º — Para as CRIANÇAS PALLIDAS, magras, de CRESCIMENTO DEMORADO é de um resultado espantoso, pois é o tonico APROPRIADO para esse fim. POUCOS VIDROS produzem effeito visivel, notando-se logo AUGMENTO DE PESO e melhor aspecto da criança.

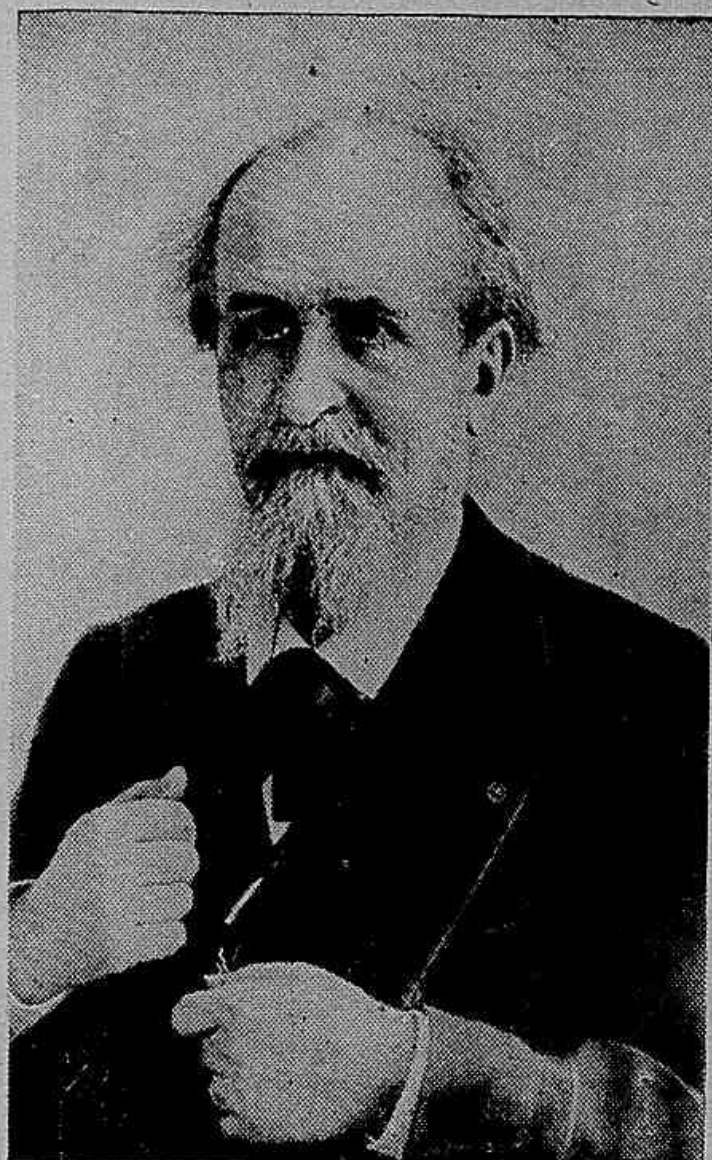
6.º — O «VIGOGENIO» é o fortificante mais receitado pelas notabilidades medicas, como Miguel Couto, Austregesilo, Rocha Vaz e outros, que em BRILHANTES ATTESTADOS, affirmam o SEU GRANDE VALOR.

MIGUEL COUTO, o mestre da Medicina, diz:

«Attesto que tenho empregado em minha clinica particular e na do hospital, com o MELHOR RESULTADO, o «VIGOGENIO», EXCELLENTE PREPARADO, não só pela sua COMPOSIÇÃO como pela IRREPREHENSIVEL fabricação».

DR. MIGUEL COUTO
Firma reconhecida.

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n. 833, em 20-11-919



OBRAS DO CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O escriptor mais lido e popular do Brasil

== O autor mais alegre! ==

== O humorista mais subtil! ==

A apparecer até o fim do mez:

Pombos de Mahomet

Volumes já publicados:

VALLE DE JOSAPHAT	18. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
O TONEL DE DIOGENES	16. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A SERPENTE DE BRONZE	12. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
GANSOS DO CAPITOLIO	15. ^o milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A BACIA DE PILATOS	12. ^o milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
A FUNDA DE DAVID	6. ^o milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
GRÃOS DE MOSTARDA	6. ^o " " 5\$, " 6\$500

Cada volume contém 120 chronicas maliciosas e do mais fino espirito, destinadas a fazer rir o homem mais triste
— — — e a sorrir a mulher mais melancolica. — — —

~~~~~ PEDIDOS A ~~~~~  
**LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO**  
**RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19**  
~~~~~ RIO DE JANEIRO ~~~~~